«EMBLEMAS» DE ALCIATI

anxa
91-B
16047

XPLICADOS EM PORTUGUÊS

ITO DO SECULO XVI-XVII ORA TRAZIDO A LUME

POR

J. LEITE DE VASCONCELOS

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO
1916

Domingo 13/X/1929

17-I-34
(Nery)
a.

Ao i. h.
Silva Fernandes
of. grat,
e com muita estima,
José Leitão Vasconcelos

Direitos reservados

«EMBLEMAS» DE ALCIATI

«EMBLEMAS» DE ALCIATI

EXPLICADOS EM PORTUGUÊS

MANUSCRITO DO SECULO XVI-XVII ORA TRAZIDO A LUME

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

INTRODUÇÃO

Significação dos «Emblemas» de Alciati, e sua popularidade (edições e traduções). — Aceitação que tiveram em Portugal: exemplares nas bibliotecas; alusões na literatura. — Descobrimento de um exemplar em que ha explicações manuscritas dos «Emblemas» em prosa portuguesa antiga. — Descrição d'esse exemplar: mãos que colaboraram no manuscrito; data d'este; particularidades paleograficas. — De como o texto latino foi interpretado em português. Estilo. — Particularidades gramaticais e lexicologicas. — Remate.

Os *Emblemata* do jurisconsulto italiano ANDREA ALICIATI (1492-1550) [1], formados de poemetos, geralmente breves e conceituosos, e cuja 1.ª edição (Milão) data de 1522, gozaram de imensa popularidade até os fins do seculo XVIII, já constantemente reeditados e comentados, já traduzidos em

[1] Hesitei a princípio se devia escrever *Alciati*, se *Alciato*. A fórma *Alciato* é a usada entre nós, bem como pelos Hespanhois e por alguns A A. italianos (na propria ed. italiana de 1626, que tenho presente, lê-se *Alciato):* ela porém não passa de mero romanceamento ou tradução do latim *Alciatus*, genet. *Alciati.* Consultando eu eminentes filologos

várias lingoas (pelo menos conheço traduções em francês, italiano e hespanhol), já até imitados por vezes [1]. Tal popularidade explica-se, porque o autor procurava moralizar quem o lesse; ora moralizar estava nos habi-

italianos, meus amigos, eles disseram-me que, com quanto haja A A. italianos que, a par de *Alciati*, usem *Alciato*, reputam *Alciati* a genuina fórma italiana; o nome deriva de *Alzate*, terra dos arredores de Milão, «da cui uscì la famiglia degli Alciati». Em enciclopedias francesas, inglesas e alemans (*Biographie Universelle* de Ode, *Encyclopaedia Britannica*, e *Konversations-Lexikon* de Brockhaus) encontro de facto *Alciati*. Assim escrevem tambem os A A. ingleses e norte-americanos mencionados na nota seguinte. Por tudo isto resolvi-me a preferir *Alciati* a *Alciato*, e já usei aquela fórma no meu livro intitulado *De Campolide a Melrose*, Lisboa, 1915, p. 6.— A fórma *Alciatus* é latinização do italiano *Alciati*, visto que o A. escreveu em latim.

[1] Como não é meu intuito espraiar-me acerca de Alciati, e só quero dizer quanto baste para que o meu trabalho se entenda, e se integre na literatura alciatiana, não procurei conhecer tudo quanto se tem escrito a respeito do autor, nem siquer o principal. Consultei porém: *Les emblèmes d'Alciat*, Paris 1884, de Georges de Duplessis (obra muito sucinta), e um artigo de John Gerig, publicado in *The Romanic Review*, t. IV, onde, a pag. 42-57, ha substanciosas informações a proposito da famosa «collection of Alciati». Tanto Duplessis como Gerig, citam: H. Green, *Alciati and his books of Emblems*, Londres 1872; Gerig cita mais: Sears, *Collection of the Emblem Books of A. Alciati in the Library of G. E. Sears*, Nova York 1888; H. Green, *Alciati Emblemata .. with a sketch of Alciati's Life*, Londres 1870; idem, *Alciati's Emblems in their full stream*, Londres 1871.

tos literarios não só do seculo de Alciati, mas dos anteriores e do seguinte. A graça poetica fôra realçada pela adjunção de gravuras alusivas ao texto, isto é, de emblemas. Arte e poesia, aliando-se assim uma á outra, completavam-se.

Os «Emblemas» tambem entraram em Portugal. Tenho visto muitos exemplares d'eles em bibliotecas públicas e particulares. Na Biblioteca Nacional, por exemplo, ha trinta exemplares: de 1549, em italiano, e em hespanhol; de 1572, 1581 (dois exemplares), 1591, 1593 (dois exemplares), 1600 (dois exemplares), 1608, 1614 (dois exemplares), em latim; de 1615 (dois exemplares), em hespanhol; de 1616, 1618, 1621 (cinco exemplares), em latim; de 1655, em hespanhol; de 1661, em latim; de 1684 (tres exemplares), em hespanhol; de 1692, 1715 e 1735, em latim. Na Biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa ha exemplares de 1608, 1621, 1692, em latim; e de 1626, em italiano. Na do Paço da Ajuda (informação do D.^{or} Jordão de Freitas) ha tres exemplares: de 1577, 1591 e 1661, em latim. Na do Porto (informação do Sor João Grave) ha nove exemplares: de 1581,

1600, 1608, 1614, 1661 e 1715, em latim; de 1670, 1684, e outro já sem rosto, em hespanhol. No *Catalogo* da livraria do D.^{or} Luís Monteverde, Porto 1912, indica-se um exemplar da edição de Lião de França, de 1614, e um da tradução hespanhola de 1684 (Valencia). O Sor Braamcamp Freire informa-me que na sua livraria particular guarda um exemplar da edição latina de 1581 (Antuérpia). Eu na minha tenho um exemplar da tradução francesa de 1540 (Paris, — Wechel) [1], e outro da edição latina de 1573 (Lião de França, — Rouillé) [2]. — Na literatura portuguesa não faltam igualmente lembranças de Alciati. Sem

[1] Adiante volto a falar d'ela, pois que é a base d'este livro.

[2] Eis o titulo: Francisci || Sanctii Bro- || cencis || *In inclyta Salmaticensi Academia Rheto- || ricae, Graecaeque linguae professoris,* || COMMENT. IN AND. ALCIATI || EMBLEMATA || (etc.). Este exemplar comprei-o no Porto, num alfarrabista, no meu tempo de estudante, e acho-o bastante valioso, porque do *ex-libris* manuscrito que se lê no frontispicio verifica-se que foi pertença do "*L^{do} Manoel barbosa*". O Licenciado Manoel Barbosa suponho ser o jurisconsulto vimaranense, falecido em 1639, autor das *Remissiones doctorum*, e homem muito erudito. O exemplar está salpicado de notas marginais manuscritas, feitas de seu punho, umas em latim, outras em português, as quais contém indicações bibliograficas e outras noticias respectivas ao texto de Alciati e aos comentarios do Brocense. Por exemplo, a pag. 162 cita a

desejar, nem se tornar necessario, formar agora longo elenco de referencias, contentar-me-hei com algumas. Camões, na ode 7.ª, onde diz:

Sempre forão engenhos peregrinos
Da Fortuna envejados,
Que quanto levantados
Por hum braço nas asas são da Fama,
Tanto por outro a sorte, que os desama,
Co peso, e gravidade,
Os opprime, da vil necessidade [1],

Corographia de Gaspar Barreiros, a proposito de «Talaveira de la Reina»; a pag. 191, onde o Brocense anota *quasi allectatrices aues*, Barbosa diz: «uulgo *allector,-oris*, ui(de) *Thesauru(m) linguae latinae*» (pois *allectatrices* não existe em latim); a pag. 194, a proposito do emblema 52, *In receptatores sicariorùm*, diz: «Vi(de) o Pe frey Po da Veiga nos *Psalmos penitenciais*, psalmo 1 (etc.)»; a pag. 211 emenda *coruca* do Brocense em *curruca* (nome de uma ave); a pag. 414, a proposito do pessego (vid. adiante, emblema 30), cita «Camões in suis *Lusiadibus*, cantu IX, str. 58, et Orta, *de Simplicibus*, colloquio 46, fol. 176 (etc.)». Entre os AA. que alega, uns são modernos, como Jeronimo Roma, Pierio Valeriano, Juan de Torres, Erasmo, outros antigos, como Mela, Ovidio, Marcial. Nas anotações vê-se o dedo do jurista, habituado a citar leis a cada passo, em abono do que afirma. Um exame mais minucioso do livro daria alguns outros elementos para o conhecimento da vida literaria de Manoel Barbosa; porém não posso demorar-me com isso. — Tambem possuo um exemplar da tradução hespanhola de 1670; como o obtive em Madrid, nada aduz em prol da minha demonstração, e por isso não o cito no texto.

[1] *Rimas*, ed. de J. Franco Barreto, Lisboa 1666,

imitou um emblema de Alciati [1], como já ponderaram Bertholameu Pachão na *Fabula dos Planetas,* Lisboa 1633, fls. 88 v., e Faria e Sousa nos comentarios das *Rimas Varias* do Poeta, 2.ª parte (1689), fls. 166. Anotando *Os Lusiadas,* IX, 58, põe Manoel Correia em confronto os vv. 9-10 com os que de *Albutius* vem em Alciati [2]. O citado Pachão, *Fabula*, fls. 9 v., 10 v., 19 v., 99, 100 v., 119 v, etc., volta a referir-se aos «Emblemas». Na *Prosodia,* iniciada por Bento Pereira em 1634, e aumentada depois da morte d'ele pelos PP. Jesuitas de Evora, aparece não só «Alciatus» na lista dos escritores aí aproveitados como autoridades, mas em vários lugares da obra, por exemplo, s. v. «caduceum» (sirvo-me da ed. de 1723: Evora). —Paralelo em certo sentido aos Emblemas era o *Fabulario* português (sec. XIV-XV) que publiquei na *Revista Lusitana*, vols. VIII

pag. 106. Na ed. de B. Feio & G. Monteiro, Hamburgo 1834, vem no t. II, p. 377.

[1] É o n.º 120 da ed. de 1573, a que adiante corresponde o n.º 15.

[2] Vid. Epiphanio Dias, ed. d'*Os Lusiadas*, t. II, p. 181. Os versos de *Albutius* constituem o n.º 142 dos *Emblemata* de Alciati na ed. de 1573: vid. adiante n.º 30.

e IX, como paralelas eram, entre outras intercaladas em livros dos seculos XVI-XVII ou evocadas em obras artisticas [1], as *Fabulas de Esopo* de Manoel Mendes, impressas sete vezes no sec. XVII [2], e já talvez vindas do XVI: de modo que o gôsto das moralidades alegoricas encontrára bom terreno em Portugal para poder frutificar; contudo não consta que do livro de Alciati cá se publicasse jamais uma tradução, ou siquer se fizesse uma edição.

Não deixa pois de ter alguma curiosidade o saber-se que o exemplar da tradução francesa editada por Wechel em 1540, ao qual acima aludi como possuido por mim, e que adquiri ha anos em Lisboa, por compra a um padre, encerra em antiga prosa portuguesa explicações manuscritas da mór parte dos emblemas. Entendendo eu que, se se trouxessem a lume essas explicações, ficaria Portugal representado na bibliografia alciatiana, e preenchida por tanto a lacuna que a proposito existe na nossa literatura, resolvi copiá-

[1] Vid. Sousa Viterbo in *A Tradição*, V, 129-132, e o meu *Livro de Esopo*, Lisboa 1906, p. 161, n. 1 (ou *Revista Lusitana*, IX, 107, n. 1).

[2] Sousa Viterbo in *A Tradição*, V, 130.

las [1], e oferecer, como ofereço, a cópia á «Biblioteca da *Renascença Portuguesa*», para sair num volume,—por quanto o S.or Alvaro Pinto havia-me manifestado o desejo de que eu colaborasse nela. O volume é o que ora damos á estampa.

O exemplar da edição francesa de 1540 tem o seguinte titulo: LES EMBLE-|| MES DE MAISTRE || ANDRE ALCIAT, || *mis en* || *rime francoyse, et puis* || *nagueres reimprime auec* || *curieuse correction* || (etc.). Os emblemas começam (sem numeração) a pag. 12: nas páginas pares imprimiram-se as gravuras e o texto latino, e nas impares o texto francês, que ocupa geralmente pouco espaço, estendendo-se por baixo d'ele um claro. Neste claro se escreveram as explicações portuguesas, em número de cem. As explicações são-no do texto latino, e não do francês. A edição francesa consta de cento e treze poemetos, mas treze ficaram sem explicação. Como os emblemas variam em certas edições, já na quantidade, já na ordem,

[1] Da cópia se encarregou amavelmente o S.or Pedro de Azevedo, ilustre Professor de Paleografia do Curso de Bibliotecario-Arquivista, e Conservador da Torre do Tombo.

indico adiante de cada um dos numeros do meu texto o da edição latina de Roullé, de 1573, de que me sirvo (vid. supra, pag. 12 e nota 2): o leitor póde assim facilmente cotejar o texto português com o de qualquer edição que queira. Para maior comodidade, formo no fim duas tabelas das correspondencias dos numeros do meu texto com os da citada edição: numa d'elas vão em primeiro lugar os numeros do texto português, e em segundo lugar os numeros do texto latino; na outra acontece o inverso. Vê-se das tabelas que, além dos treze numeros da edição francesa, faltam na redacção portuguesa muitos outros da edição latina, que é mais ampla que aquela.

O texto português provém de cinco mãos diferentes: designa-las-hei por 1ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª A' 5.ª mão pertence o n.º 100; á 4.ª o n.º 87; á 3.ª o n.º 76; á 2.ª os n.os 19, 20, 22, 24, 27, 28, 30, 32, 33 e 35; á 1.ª todos os restantes, isto é, a maioria. Os n.os 100 e 87, da 5.ª e 4.ª mão parecem meros *ludi calami*, devidos a alguem que de passagem e por casualidade olhou para o livro, pois o segundo ficou incompleto, e o primeiro, ou n.º 100, saiu

da pena de pessoa que tinha pouca prática de escrever, e que não se regulou pelo latim, e apenas pensou na gravura. Os outros numeros foram escritos muito propositadamente. A 1.ª mão começou o trabalho, n.º 1, 2, etc.: aqui e acolá porém suspendeu-o, por motivos inaveriguaveis, e ele foi retomado depois pela 2.ª mão, que resumiu dez emblemas, e pela 3.ª, que resumiu um. A letra dos n.os 7 a 9, 11, 14 a 16, e 18 apresenta uma *facies* que ao repente póde levar o leitor a crer que pertence a outra mão, e não á 1.ª; todavia um exame cuidadoso mostra que efectivamente pertence á 1.ª (esta mão estava mais assente quando escreveu os referidos numeros). A diferença entre a 1.ª e a 2.ª manifesta-se claramente a pag. 75, onde ambas colaboram: uma com um resumo latino, a outra com a usual explicação portuguesa.

Qual a data do manuscrito? A 2.ª mão provém, sem dúvida, do sec. XVII. A 3.ª, 4.ª e 5.ª mão talvez tambem, embora de epoca mais tardia. A 1.ª mão é de um individuo certamente nascido na 2.ª metade do sec. XVI, e que, por isso, tanto poderia ter escrito no último quartel d'esse seculo, como

no primeiro do XVII (a letra assemelha-se á de manuscritos datados, que passam do sec. XVI ao XVII).

Em algumas páginas ha variados *ludi calami*, de letras que lembram as das 3.ª, 4.ª e 5.ª mão. No frontispicio lê-se «1670»; ao pé ha um nome cuja letra deve ser contemporanea, a qual diz: «o p.e Ioaõ d Frça» (avivou-se a letra com sulfidrato d'amoniaco) [1]. Temos pois no P.e João de França um dos antigos possuidores do volume. A pag. 177, a que corresponde o emblema 81 (francês), escreveu-se um adagio (letra do sec. XVII): *a quem deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha* [2]. A pag. 228, a que corresponde o emblema 105 (latino), escreveu-se outro adagio (em letra ruim):

Lenha verde mal se a(s)semde,
Quem munto dorme, pouco apremde [3];

[1] O *a* final é como o da 4.ª mão. O sr. Pedro d'Azevedo confirmou estas observações.

[2] Nos *Adagios Portugueses* de Delicado, Lisboa, 1651, o adagio vem com fórma rimada: *A quem Deos quer bem, || o vento lhe apanha a lenha*,—pag. 59.

[3] A segunda parte do adagio, que é muito conhecida, vem tambem em Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «dormir». O adagio,

A pag. 229 escreveu-se uma quadra (letra do sec. XVII):

A quem deus aiuda || porq̃ ele bem ssabe
he iá [1] por amor devino, || quem é o sseu querido,

a qual se repete a pag. 231, em letra muito mal feita.

Para completar a descrição do manuscrito, acrescentarei que nas grafias nem sempre existe inteira clareza, e que se torna necessario por vezes recorrer á comparação de umas com outras para apurar lições definitivas. Assim o *i*, quando sem ponto, confunde-se freqüentemente com *e* achatado ou sem vazio, e fica-se em dúvida se se tem, por exemplo, *maes* ou *mais, despoes* ou *despois, piqueno* ou *pequeno:* mas *maes*, com *e*, é perfeito em 84, 86, 94, 102 (a par de *mais*), 109; ha *despoes,* com o segundo *e* perfeito, em 12 e 64, e com *des-* claro em 53, e ha *pequena* nitidamente em 49; alem d'isso, com alguma

na sua fórma plena, conheço-o de Obidos, onde porém os versos se dizem ao invés: *Quem muito dorme, pouco aprende*: || *lenha verde não se acende.*

[1] =já.

prática do manuscrito, familiariza-se a gente com ele, e chega a estabelecer a distinção (o *i*, de ordinario, é anguloso, e o *e* é curvo). O *o* confunde-se com *e* em *arvere* = arvore, *cerda* = corda, *ceusas* = cousas, *perque* = porque (clarissimamente porém *porque*, por exemplo em 6 e 7). — Ha esquècimento vulgar de cedilha (*concerto* 2, a par de *conçerto*, *inspiracões* 77, *cortico* 45), e outras vezes esquècimento de til.

Seguidamente á historia externa e descrição do manuscrito, passarei a dizer duas palavras acerca de como os emblemas latinos foram interpretados na nossa lingoa. A interpretação fez-se de varios modos. Umas vezes o texto português não passa de tradução do latim, apenas com leves modificações; outras serve de explicação moral da gravura ou emblema, sem haver referencias aos versos. Nuns casos o tradutor explana e amplifica o sentido primitivo (paráfrase); noutros como que anda á roda do original, resumindo-o; finalmente, regula-se aqui e além por comentadores, pois ntroduz na narração personagens, ou alude

a factos, que não vem em Alciati, por exemplo, no n.º 82, onde fala de Carlos V. Algumas explicações terminam num modesto «et cetera», o que mostra que a obra, pelo menos no seu estado actual, não se destinava ao prelo, e fôra unicamente empreendida em horas de ocio, para recreação do espirito. — O estilo é bastante familiar, e lembra o do *Livro de Esopo;* as orações sucedem-se não raro sem elegancia, ligadas em longos periodos por conjunções e por pronomes relativos; em vez de se formarem periodos nitidamente separados, aparece a cada passo um gerundio que estabelece junção entre eles; no n.º 16 ha assimetria entre a última parte do trecho e as primeiras. Todavia muitos números são belos pedaços de prosa, que parecem se produziram de um jacto, sem esfôrço. O trabalho tem feição eminentemente moral, e nisso se coordenam todas as suas partes: as sentenças, os adagios, os versiculos biblicos, os exemplos historicos. Por causa do modêlo que estava diante dos olhos de quem escrevia, aparecem de vez em quando na redacção portuguesa latinismos lexicais, como *absente*, *cancro* «caranguejo», *Sphynx,* a par com pa-

lavras de caracter muito popular ou plebeu, como *dromir* [1] e *tromenta* [2].

O ter falado do estilo leva-me a considerar outros pontos da linguagem do manuscrito.

I. Fonetica e ortografia:

O ditongo *ai*, quando em silaba final, é representado ora assim, ora por *ae*: *quais* 11, *mais* 21 e 102, *uai* 51, 70; *sinais* 8; *maes* 47, 84, 86, 94, 102, 109; *quaes* 96, 101; *sinaes* 85; *pae* 64.—São oscilações que ainda hoje se dão.

O ditongo *oi*, quando final, ora é representado assim, ora por *oe*: *boi* 18, *does* 11, *despoes* 12, 64.—Em edd. do sec. XVII se vê, por exemplo, tambem *poes* e *despoes*: *Sermões* de Vieira, I (1669), 303, 326, 330, 350, 370, 374, 394 etc.

Os modernos ditongos *-eu* e *-io* estão representados com *o* nos verbos: *uenceo* 36, *pedio* 11; mas ha estas oscilações quanto a *eu* (sem ser em verbos): *seu* 19, *seus* 75, *deusa* 13, *Deus* 67, 107, *deoses;* 1, 108.—De tais oscilações trata João

[1] Madureira, *Ortografia*, condena uma palavra que na silaba inicial é foneticamente semelhante a esta: *dromedario* por *dormedario* (p. 282-283 da 1.ª ed.),—apesar de a primeira ser mais conforme com a etimologia (dromedarius).

[2] J. F. Barreto, *Ortografia*, Lisboa 1671, p. 274, condena *tromento*, que é palavra paralela a *tromenta*.

Franco Barreto, *Ortografia*, Lisboa 1671, p. 102 -103.

Ao moderno ditongo *ei* + vog. corresponde no ms. ora *-eo*, ora *ei: meo* 8, *meio* 64, *freo* 13, *cheas* 49. Em 37, *peior*. Varios casos: *liões* 4, 7 (escrito *liois*), *leois* (=*leões*) 7; *lioã* 63, *lioa* e *leoa* 25 (faltará til). — Acerca d'estas oscilações no sec. XVI vid. Epiphanio Dias na ed. d'*Os Lusiadas*, t. II, p. 332.

Ora ha *pees* 28, ora *pes* (=pés) 46 e 83, *pe* (=*pé*) 74. — Barbosa, *Dic. Lat.*, 1641, escreve *pee*. E cfr. Duarte Nunes, *Orthographia*, Lisboa 1576, fls. 42 v.

Crase: *os filhos* 44 = aos filhos; *amoestos* 14 = amoesta-os; *mordeo* = morde-o. Cfr. *Livro de Esopo*, pag. 100. Quando a preposição *a* está junto ao pronome ou artigo *a*, ou a *aquelle, aquella*, ha crase, e esta é representada por simples *a* sem accento: *as vezes*, 4, 9, 45, *as costas* 5, 22, 69, *faltam a arvore* 12, *acodir as inspirações* 17, *acodir aquella ave, darem aquelle, ajudando a meter* (=ajudando-a a meter) 21. Num caso porém o *a* duplica-se: *e a levou aas filhas* (em *á qual*, 35, tem acento, mas é da 2.ª mão). Póde haver dúvida em 38 e 109, como lá digo.

A vogal nasal final é representada regularmente por til (vertical e não horizontal) posto sôbre ela: *tambẽ* 5, *acontecẽ* 36, *cõ* 42, e passim. Ás vezes porém escreve-se *m* ou *n: mostran* 47, *quan* 41, *ninguem* 13, *imagem*, 67 *delphim* 75, *homens* 75,

77, ás vezes *homens* 62, 64, 84 (com til sobre o *n*). —Não raro nos manuscritos antigos e nas obras impressas o usar-se til ou consoante nasal depende de condições de espaço. —Nos ditongos nasais o til pousa na subjuntiva: *ueneraçaõ* 1, *significaõ* 2, e passim; mas *cam* 70 (= cão). —No citado volume dos Sermões vieirianos ha, por exemplo: *foraõ, Adaõ, naõ, saõ, tinhaõ* (a par de *-ão*). — O artigo indefinido masculino sing. escreve-se sempre *hũ* (plural *hũs*, e *huns* 8) e o feminino escreve-se sempre *hũa* (segundo a pronúncia).

Vogais atonas: *molher* 25, 26, *circolo* 41, *iugando* (= jogando) 47.

A gutural surda *c* é representada não raro por *qu*, e a sonora por *gu: nunqua* 56, *fiqua* 44, *aguora* 45. — Cf. *Livro de Esopo*, p. 104. Freqüentissimamente se acham em documentos do sec. XVI, por exemplo, *Guaguo, Dioguo, quoalquer* etc.—O nosso manuscrito tem sempre *i* por *j*, excepto ao pé de *i* consoante: *seia* (= seja) 3 e passim, mas *peleijar* 45; ha *Rei-Rej* 19; *vaj*-vai 13. Analogamente ha *u* por *v*, excepto na inicial maiuscula: *coruo* (= corvo) 74 e passim, mas *Vlysses* 37.— Ha *rr* em *desonrra* 20.

Existe muita confusão no representar as sibilantes: *ç* por *ss* em *dice* 46, 48, *diçera* 54, 58; *s* ou *ss* por *ç* em *mossos* 15, *preguisosos* 14, *meresia* 9, *simo* 68, *sentensa* 9; *s* por *z* em *tras* 5, *iuises* 9, *avaresa* 11, *pobresa* 15 (a par de *pobreza* ib.), *dis* 28, *fes* 30 etc.; *z* por *s* em *dezencaminhar* 13,

occazião 16, *acazo* 36, *rizo* 47, *pezar* 39; *s* por *ss* em *asaz* 26; *ss* por *s* em *pressos* 111.—Tudo isto são fenomenos que aparecem já na 2.ª metade do sec. XVI e d'aí em diante. Cf. tambem Epiphanio Dias, na sua ed. d'*Os Lusiadas*, t. II, p. 338-339. O uso de *-ss-* por *-s-* aparece muito nos nossos documentos do sec. XV, XVI etc.: *coussas* = cousas, *casso* = caso.

Metatese: *cordeniz* 6, *praemitio* 38, *dromir* 37, *ensobreuecer* 35 (repet.), *tromenta* 34.

Dissimilação: *habelidade* 15, *adevinhar* 46, *princepe* 21 (a par de *principe* 59), *rezão* 21, 36.

Fenomenos varios: *peleijar* 55 (influencia de *peleija* 55: é só fenomeno ortografico: cfr. *peleiando*, 44); *espicular* 83, *difirença* 111, *bibia* 50 (= bebia), *gintio* 92, 108, *milhor* 39, *sintir* 86, *labarinto* 8, *escodrinhar* 53, 88, *gardar* 42, 59 etc. —Todos estes fenomenos tem paralelos na lingoa antiga ou na popular moderna.

Próclise: *ma' pesar* 39: vid. a respectiva anotação.

Ortografia devida a influencia latina: *pax* 19, 27, 45; *vox* 108; *ae* por *e* em *Graecia* 1, *Chimaera* 102, *chamaelonte* 88, *praesta* 1, *praemitio* («permitiu») 38, *aeterna* 63, *Aeneas* 69, *aenigma* 46; por pseudo-latinismo *Maedea* 98 (em latim é *Medea*), *Aedipo* 46 (em latim é *Oedipus*); *et* por *e* (conjunção) 8, 11, 18; *t* por *c* em *silentio* 8, *eloquentia* e *prudentia* 93.

Á secção da Ortografia pertence tambem o se-

guinte: a pontuação do manuscrito é irregular; raras vezes se usa acento; não se usa traço de união, *pintasse=pinta-sse*; fazem-se muitas abreviaturas; ha *ç* antes de *e* e *i* (pelo menos ás vezes).

II. Morfologia:

Pouco tenho que notar. Nos pronomes: *sim* por «si» 6, 78 (a 2.ª mão tem *sî*); *lhe* por «lhes» 5, 39, 53, 108; *polas* 18 (a par de *pello* 75). Nos verbos: *veo* 45, 46; *val* 102. Adverbio *vêdellas aí* 85. Deminutivo: *peixezinho* 49 (a par de *peixinho)*. Em *distruição* 69 «destruição» ha confusão de *dis-* com *des-*.

D'alguns d'estes vocabulos trato no Vocabulario, e d'outros tenho tratado em varios trabalhos filologicos.

III. Sintaxe:

Em *ha hi tanta pax,* 45, a fórma impessoal *ha* está acompanhada do adverbio *hi:* cfr. *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 415-416. Este uso vigora ainda no sec. XVI, em Barros e Camões: vid. exemplos em Moraes, *Dic. da ling. port.*, s. v. «hi».

Em *depennar-se penas*, 44, ha um pleonasmo: o tradutor regulou-se pelo *sibi uellicat alas* de Alciati. — Outro pleonasmo, e muito freqüente: *que*

em «pera significar que, se hum homẽ esperar o que não deue, *que* a Némesis *que* o ha de castigar» 79 (linguagem familiar); vid. outros exemplos em 50, 55, 74, 85, 103, 111. Cfr. *Rev. Lusit.*, IX, 57 (Livro de Esopo).

Dois sujeitos com o predicado no singular: «*a eloquentia e prudentia he maes poderosa,* 93; *o conselho e boa prudentia ual mais* 102. Isto acontece porque em ambos os exemplos os sujeitos representam ideias associadas e, principalmente no segundo, muito intimas (neste até são sinonimas).

O verbo *fugir* é empregado transitivamente em «ensina como se ha de fugir a má companhia», 58 (onde creio que *a* é artigo e não preposição). Moraes dá exemplos do sec. XVII. Cfr. em latim *ignominiam fugere,* e em fr. *fuir le monde.*

A preposição *dentro* é empregada seguida de *em:* «huã cegarrega se meteo *dentro na cithara*», 108, uso corrente na lingguagem d'otr'ora, e ainda agora por vezes: *dentro nellas*, Garcia d'Orta, *Colloquios,* coloq. 2.º; «*dentro no* quarto grau», sec. XVII (*Archivo Hist. Port.*, I, 116).—Em *a iunto aos muros*, 113, ha aglomeração de preposições.

Em *o qual sabendo Juppiter*, 28, o pronome corresponde ao lat. *quod.* Partitivo: *darẽ do mel, derão do fel*, 89.

Em *não auia pera que o tratassem daquella*

maneira, 55, temos imitação do latim *nihil erat cur (quare, quamobrem)* com conjuntivo: vid. Madvig, *Gram. Lat.*, § 372, *b*, obs. 6.—A expressão *um coelho ou rate que bulla*, 57, corresponde a «que bula um coelho ou um rato», isto é, «se bole um coelho ou um rato»; cfr. em francês *qu'il parle, tout se tait* (fale ele=se ele fala): vid. *Gram. fr.* de Epiphanio & Von Hafe, § 329, 3, obs. 1. Tambem na lingoa familiar dizemos: *ele que venha, e eu lhe direi.*

O infinitivo é acompanhado de preposição em *costumaua a pilhar*, 74, e *costumaua a furtar*, 86.—Infinitivo impessoal onde podia esperar-se o pessoal: «amoestos (=amoesta-os) a não se *contentar*», 14. Ha outros exemplos.

Participio absoluto empregado impessoalmente: «o pessigueiro.. era peçonhento, mas *plantando-o* em Italia, mudou a natureza», 30. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. portug.* § 240, *a*.

Colocação: sujeito antes do participio absoluto, «*hũ exército* vencendo ao outro», 55; sujeito entre *de* e *hão* em «não *hão* os homens *de* ser», 52.

Ligação de orações: «a sabedoria, *a qual* todo aquelle que tiver terá todas as mais cousas», 18; «*a qual* se não tivera nozes não lhe atiraram os moços», 39.

Anacoluto: «o leão.. se lhe arripião os cabellos», 57.

IV. Vocabulario:

Registo aqui todos aqueles vocabulos, que, ou pelo seu arcaismo, ou pelo seu caracter popular, ou por qualquer outra razão especial (o não estarem ainda arquivados em dicionarios, o não terem aí a acepção que no nosso texto se lhes dá, etc.), mereçam registar-se. — Os numeros que aponho a cada um são os dos emblemas.

a, preposição: vid. a nota do n.º 109.

absente, ausente, 89. Vid. a Introdução. O *Dicc.* da Academia só cita este vocabulo em obras do sec. XVI; o de Domingos Vieira cita-o num poema do sec. XVII.

aboboreira, cabaceira, 68.

adarga, «escudo ou *adarga*», se diz no embl. 43. O *Dicc.* da Academia documenta esta palavra com textos do sec. XVI; Barbosa, 1611, menciona-a ainda no seu *Dictionarium.*

adevinhar, adivinhar, 46. No *Auto da Festa* de G. Vicente, ed. de Lisboa, 1906, p. 128, vem a mesma fórma. Vid. a Introdução. Hoje só existe como vocabulo popular.

amenhã, amanhã, 78. Palavra já registada no *Dicc.* da Academia, mas sem documentação; ainda corrente no povo, na fórma *aminhão.* No sec. XVI e XVII: *menhã* (*Archivo Hist. Port.*, II,

332); *menhãa, pela menhãa* (Brito Alão, *Antiguidade da Nazareth,* 1864, p. 45, 181 etc.).

amoestar, admoestar, 14, 24. Cfr. *Rev. Lusit.*, IX, 8 (Livro de Esopo). Vocabulo saído ha muito da literatura.

arruar, vàdiar, 94. Hoje é raro. Vid. outros textos no *Dicc.* da Academia.

aventagem, vantagem, 68. Tambem nas *Cartas do Japão*, 1598 (*Dicc.* da Academia).

bastarda (trombeta), 55. Vid. a respectiva anotação.

calaçar, 26, e **calaceiro,** a que no ms. se dá em parte o sentido de «guloso», como Moraes achou na *Eufrosina.* O verbo *calaçar* ainda não foi arquivado nos dicionarios.

cameleonte, camaleão ou cameleão, 88. O lat. chamaeleon tem, a par com *chamaelionis* (e *chamaeleontos,* gr.-lat.), o genetivo chamaeleontis; é do tema d'este que vem a nossa fórma. —Na *Prosodia* de B. Pereira ha *cameleão,* de acôrdo com o latim; mas no *Thesouro* do mesmo A. ha *camalião.* Bernardes, *O Lyma,* ed. de 1820, p. 81, diz: «como *camelleão* não muda côres». O *a* que precede o *l* em *camalião (camaleão)* resultou da influencia d'esta lingual.

cancro, «caranguejo», 26. Cardoso, *Diction. Lat.-Lusit.*, Coimbra 1570, diz: *cancer* «crang(u)ejo», fls. 30. No ms. a palavra *cancro* é latinismo. Nenhum dos lexicografos que consultei (Cardoso, Barbosa, Bluteau, Domingos Vieira, Moraes, Fi-

gueiredo) dá a *cancro* a significação que o ms. dá; cfr. porém *Cancro* (signo do zodiaco) em Camões, *Lusiad.*, III, 6.

caso (a), «por acaso», 36. Está aqui a origem do substantivo *acaso*. Cfr. *por caso* em Diogo Bernardes, *O Lyma,* 1820, p. 224.

Ciclópa, 37, Ciclope, do accus. latino-grego Cyclōpa, variante de Cyclopem: de Cyclops. A fórma portuguesa *Cyclópa* vem tambem na *Prosodia* de B. Pereira, e nos *Lusiadas*, II, 90 *(Cyclópas)*. Hoje dizemos *Ciclópe*.

cirne, cisne, 107. Vid. Moraes, que documenta esta palavra com textos do sec. XVI. Ha muito saiu da literatura. Barbosa, sec. XVII, diz no *Diction.*: «cirne ou cisne». Brito Alão, *Antiguidade da Senhora de Nazareth,* Lisboa 1684 (a 1.ª ed. é de 1628), pg. 184, tem já *cisne*. Hoje *Cirne* só existe como apelido.

comprida, 37: «historia *comprida* de Vlysses», ou executada: isto é, a historia do feito que passou Ulisses.

concêrto, 2. Vid. a respectiva anotação.

conserva (de), de companhia, 58. Vid. Moraes (textos do sec. XVI).

cordeniz, codorniz, 6. Vid. a respectiva anotação.

costumara, com infinitivo, 74: vid. Introdução (Sintaxe). Popular ainda hoje.

coutado=coitado, 111.

cudar, cuidar, 3, 68, 89; *cudado*, 42 (repeti-

damente); *discudado,* 37. Mas a 2.ª mão tem *-ui-*. Num texto popular do sec. XVII ha *cudar* (*Archivo Hist. Port.*, XVII, 168); Arraiz, *Dialog.*, 2.ª ed., fls. 3 r., col. 1, tem *cudado;* Moraes cita-o em Sousa, *Vida de Suso*, mas na *Vida do Arcebispo*, t. I, ed. de 1842, p. 17 e 18, acho *cuydar* e *cuydado*. Aquem do sec. XVII só conheço *cudar* na linguagem vulgar do Sul.

desemparar, desamparar, 12. Aquem do sec. XVII é sòmente da lingoa popular: cfr. Madureira, *Orthogr.*, 1.ª ed., p. 271.

despois, depois, 12, 54, 63. Ainda nos *Lusiadas*, a par de *depois*: vid. a ed. de Epiphanio Dias, t. II, p. 331. Arraiz tem já *depois*, 2.ª ed., fls. 93, bem como Vieira, *Sermões,* I, 370 (ed. de 1679), na fórma *depoes;* todavia Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arceb.*, t. I (1842), p. 39, tem repetidamente *despois*.

difirença, diferença, 111. Pressupõe **difirir*.

distruiçaõ, destruição, 69; mas *destruia*, 80. Confusão de *des-* e *dis-*, como noutros vocabulos do sec. XVI, por exemplo *dixpesa* = dispesa (*Archivo Hist. Port.*, IV, 76). Na lingoa pop. do sec. XVIII cita Monte Carmelo, *Orthogr.*, p. 573-574, várias palavras com *dis-* por *des-*.

dromir, dormir, 37. Vid. a Introdução, p. 23, nota. Corrente na linguagem popular moderna.

-eo. Vid. Fonética, p. 24.

escodrinhar, esquadrinhar, 53, 88. Monte Carmelo, ob. cit., p. 586, dá como plebeismo, tanto

escoadrinhar, como *escodrinhar.* A silaba *qua* reduz-se facilmente a *co* (cfr. *coresma, corenta* etc).

espicular, espècular, 83. O povo assim diz hoje no Sul (por exemplo, em Obidos).

gardar, guardar, 6, 42, 54, 95. Com quanto seja vocabulo muito usado na lingoa antiga *(gardar,* sec. XIII, Cortesão, *Subsidios,* s. v.; *gardar* no *Livro de Esopo; gardante,* sec. XV, no *Elucidario),* já no sec. XVI Cardoso, *Dict.,* diz *guardar.* Cfr. *gardanapo* no Alentejo: Pires, *Vocabulario.*

gintio, gentio, 92, 108. Cfr. *gimer, gimido,* em Barreto, *Orthographia,* sec. XVII. Influencia da palatal inicial.

habelidade, habilidade, 15. Vid. Fonética, p. 26.

hospede, 99, referido a mulher, isto é, no sentido de «hospeda». Em latim tambem ha hospes como feminino, a par de *hospita*: vid. Georges, *Handwörterbuch,* s. v. São substantivos que os gramaticos chamam «comuns de dois». Não me ocorre na nossa literatura outro exemplo de *hospede* naquele sentido. Hoje dizemos *hospeda:* já na idade-media, no sentido de «esposa» (J. Pedro Ribeiro, *Reflex. hist.,* I, 42; Viterbo, *Elucidario,* s. v.); Gil Vicente diz «minha *hospeda* Inês Pereira».

imigo, inimigo, 55, 69, a par de *inimigo,* 75. Corrente na prosa e na poesia até o sec. XVI. Nos *Lusiadas* ha as duas fórmas; cfr. tambem a ed. de Epiphanio Dias, t. II, 334-335. Barbosa, *Dict. Lusit.-Lat.,* 1611, usa *imigo* e *inimigo.* Depois do sec. XVII só em poesia aparecerá *imigo.*

junto a, 113. Vid. Sintaxe.

labarinto, labirinto, 8 (repetidamente). Influencia do *r*, cfr. *amaricano,* etc.

lioã, lioa, 63. A nasal denota arcaismo. Cfr. *leona* em hespanhol.—Acerca de *liões* e *lioa* vid. a Fonética, p. 24.

mais, mas, 111. É corrente no sec. XIV e XV: vid. *Ided. da Acad.*, IV, 582 (mays), e *Livro de Esopo,* p. 83. Os lexicografos dos sec. XVI e XVII traduzem sempre *mais* por *magis* (em latim), de modo que para eles é adverbio e não conjunção; a conjunção é *mas*. No nosso texto talvez *mais* seja plebeismo, como o é hoje.

matematicos, astrologos, 53. Cfr. lat. mathematici.—Tambem em Arraiz (vid. Moraes).

milhor, melhor, 39 (repetidamente). Cardoso, *Dict.*, 1570, tem *milhor,* mas Barbosa, 1611, tem já *melhor*. A ultima fórma é devida á influencia do lat. *melior;* a normal é com *i*.

minino, menino, 1, 7, 46, 68, 69. Fórma usada nos *Lusiadas* (vid. a ed. de Epiphanio, t. II, p. 335), e ainda no sec. XVII: vid. Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arcebispo,* t. I, Lisboa 1842, p. 18, e Cardoso, *Dict.*, s. v.; no sec. XVIII já Madureira a condena.

molher, mulher, 25, 29. É a fórma regular, usada na nossa literatura até o sec. XVII; no sec. XVIII já os ortografos lhe preferem *mulher* (o *u* é devido á influencia latina: *mulier*).

parvice, parvoice, 51. Ao passo que a *parvoice*

corresponde a fórma arcaica *párvoo*, tema *parvo-*, a palavra *parvice* formou-se directamente do tema de *parvo*, i. e, de *parv-*.

peleijar, pelejar, 55. O *-ei-* é devido ao de *peleija*.

pera, para, 8 e 44 (em ambos os lugares por extenso; noutros em abreviatura). Fórma correntissima até o sec. XVIII na literatura, e ainda hoje na linguagem do povo.

pesar (má'), 39. Vid. a respectiva anotação.

pessigueiro, pessegueiro, 30 (2.ª mão). Cardoso tem *pes(s)egueiro* a fls. 66 da parte portuguesa do *Diction.*, e *pes(s)egueyro* na parte latina; Barbosa tem tambem *pessegueyro*. Com *i* só conheço hoje a palavra *prexigueiro*, na linguagem de Vimioso (*Rev. Lusit.* II, 107), e na mirandesa.

pior, 11. Assim se deve tambem escrever hoje, e não *peor* ou *peior*.

polas, por as, 18. Corrente na literatura até o sec. XVII, e ainda hoje popular.

Pompeio, 40. — É assim que tambem deve hoje escrever-se, e não *Pompeo* ou *Pompeu*, como vulgarmente se faz: cf. *Religiões da Lusitania*, t. III, p. 137, n. 3.

prelado, 21: «o princepe e prelado». A palavra está aqui em sentido civil (cfr. lat. medieval praelatus) e não eclesiastico; é quasi sinonima de *princepe*.

premitir, permitir, 38. Vide Fonética, p. 26.

princepe, 21, a par de *principe*, 19. Tambem hoje se diz assim, embora não se escreva.

quaise, quasi, 109. Não conheço esta palavra na literatura; deve pois ser da lingoa familiar do sec. XVI-XVII, como o é hoje no Sul (vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 89).

rezão, razão, 21, 36. Corrente, pelo menos, até o sec. XVII. Barbosa cita *rezão* e remete para *razão*. Hoje *rezão* é só popular. Vid. Fonética, p. 26.

sim, si, 6, 78 (a 2.ª mão tem *si*, 35). Num doc. do sec. XIV: *per sĩ* (*Arch. Hist. Port.*, IV, 42). Num doc. do sec. XVI: *sym* (*Arch. Hist. Port.*, I, 189 e 190). Num ms. da Bibl. Nac., sec. XVII, cod. 7642, fls. 28: *p.ª sim*, *apos sim* (a par de *pera si*). Deve ser fórma da lingoa familiar, como hoje.

sintir, sentir, 86. Fórma usada na literatura antiga, por exemplo num doc. do sec. XV (*Arch. Hist. Port.*, II, 197: *syntir*), e ainda no sec. XVII (Barreto, *Ortografia*, p. 156; Fr. Luís de Sousa, *Vida do Arceb.*, t. I (1842), p. 81). Condenada por Madureira, p. 485; Monte Carmelo tambem condena *sintidos*.

Sphynx, Esfinge, 46. Latinismo.

tangedor, tocador 8. Hoje desusado, mas corrente na literatura até o sec. XVIII (Bluteau).

tromenta, tormenta, 34. Vid. a Fonetica, pag. 26. No Alto-Minho, segundo me informa o meu colega D.or José Maria Rodrigues, havia um individuo que tinha por alcunha *da Tromenta*.

vedellos aí, ei-los aí, 85. Nos *Lusiadas*, VII, 4, 5: *vêde'los Alemães, vêde'lo duro Inglês*. Cfr. Diez, *Gram. des l. rom.*, II, 432, onde cita o hesp. *ved, veis*, e outras fórmas romanicas, que explica por vide e videte; mas na expressão portuguesa temos o indicativo, e não o imperativo, como bem viu o Sr. Epiphanio Dias na sua ed. dos *Lusiadas*, t. II, p. 53; de outro modo não podia explicar-se a manutenção do *l* do artigo (a evolução fonetica foi: *vedes-lo* > *vedello* = *vede'lo*). — Acerca do hesp. *ved* e *hed*, cfr. Buchanan na sua ed. da *Comedia del Esclavo del Demonio* (sec. XVII), Baltimore 1905, p. 141.

vezinho, vizinho, 101. Fórma corrente na literatura até o sec. XVII (Barbosa, *Dict.*, pag. 1098; B. Pereira, *Thesouro*, s. v.); Bacelar, *Dicc.*, 1783, só regista a fórma com *i*. Já no latim vulgar havia vecinus. — É a pronúncia actual.

voltar, 94, na expressão *voltar contra alguem:* o verbo está empregado intransitivamente (hoje dizemos *voltar-se*).

O estudo da lingoa confirma a conclusão a que cheguei pelo estudo paleografico, isto é, que o manuscrito pertence ao sec. XVI-XVII. — Nas minhas observações (salvo declaração em contrário) tomei por base o texto da 1.ª mão.

*

Ao terminar, indicarei qual é o metodo que adopto na minha edição.

Quanto á disposição dos emblemas: numero-os, junto-lhes os numeros da edição de 1573 (como já disse acima) e os titulos latinos da edição de 1540 de que os intérpretes portugueses se serviram, e faço entre parentesis, por baixo dos titulos, breve descrição dos emblemas ou figuras da mesma edição de 1540, para que as explicações se compreendam sem dificuldade. Tambem junto quatro estampas de figuras em que ha explicações manuscritas.

Quanto ao texto: desenvolvo as abreviaturas, d'acôrdo com os lugares em que as palavras iguais vem por extenso: por exemplo, de *p.ª* deduzi *pera*, por aparecer *pera* ás vezes por extenso. Adopto maiuscula nos nomes proprios, quando estiver minuscula. Pontuo, acentuo, separo por hifen as encliticas, separo as particulas monossilabicas e os artigos quando vem juntos ás palavras respectivas. Emendo *c* em *ç* quando vier sem cedilha, e ponho os pontos nos *ii*, quando faltarem. Ou-

tras alterações vão marcadas no texto. Todas essas alterações se tornavam necessarias para que o texto ficasse bem legivel. Embora eu pudesse tambem substituir *u* consoante por *v*, e *i* consoante por *j*, escrever *ão* por *aõ* etc., não fiz isso, porque gostei de conservar o mais possivel a fisionomia original do manuscrito.

Quanto ás notas: insiro nelas, entre colchetes, algumas aclarações ou explicações do texto.

Só lamento que o manuscrito não seja mais importante, para me compensar cabalmente das fadigas que me causou, e que de modo algum pude evitar, pois eu devia obedecer aos preceitos da Filologia, aos quais, tenha ou não importancia um texto, ha-de sempre obedecer-se por igual.

Campolide, 29 de Janeiro de 1916.

J. L. de V.

EMBLEMAS

EMBLEMA 1 (= 1)

Ad illustrissimum Maximilianum ducem Mediol(anensem)

(Brasão d'armas do duque: uma serpente lança da bôca um menino)

Estas saõ as armas do duque de Millaõ, tidas em muita ueneraçaõ, porque tambẽ foraõ insignias de Alexandre Magno: pinta-sse hũ minino que saé de huã serpente, porque Alexandre foi tido por filho de Juppiter, rei dos Deoses, o qual se adoraua em Graecia [1] em figura de serpente.

EMBLEMA 2 (= 10)

Foedera

(Uma viola pousada num sofá)

Por esta uiola se significaõ os concertos [2]: e assim como faltando huã corda, ou naõ estando

1 [Tem ortografia latina].
2 [No sentido de «alianças» ou «pactos»].

bem temperada, o som naõ praesta, assim o conçerto, se falta huã condiçaõ, ou outra está mal explicada, não presta.

EMBLEMA 3 (= 11)

In silentium

(Um homem com o index da mão direita pôsto na boca)

Tem esta figura o dedo na boca pera mostrar como os homens haõ de calar, porque, se hũ cala, aindaque seia paruo, cudaõ que sabe muito: donde se diz na Sagrada Scriptura: *Stultus si tacuerit, sapiens reputabitur* [1].

EMBLEMA 4 (= 29)

Etiam ferocissimos domari

(Marco Antonio em um carro puxado por dois liões)

Significa esta figura como ainda os muito poderosos saõ ás uezes domados doutros maes poderosos: porque Antonio, capitaõ dos Romanos, pera significar como domára ainda poderosos capitaẽs, fez hũ triumpho em o qual o choche [2] onde elle

[1] [Dos *Proverbios*, XVII, 28].

[2] [= coche. O primeiro *h* foi motivado pelo segundo; tambem se escreve assim no emblema 80. Cfr. *charocha* no embl. 55. Todavia ha *coche* no embl. 64].

hia era leuado por lioīs, significando que quem domaua lioīs domaria homens, aindaque poderosos.

EMBLEMA 5 (= 30)

Gratiam referendam

(Uma cegonha leva a mãi ás costas, e apresenta-lhe um peixe)

Ensina esta figura como se ha de fazer bem, sperando que, se o fizer, tambẽ lho faraõ: porque a seguonha [1], quando os filhos saõ pequenos, tras-lhe de comer cõ muita diligencia, porque elles tambẽ lho trazẽ a ella quando he uelha, e naõ somente lhe trazem de comer, mas leuaõ-na ás costas.

EMBLEMA 6 (= 38)

Concordia

(Um sceptro erecto entre duas aves, que estão voltadas para ele)

Pinta-sse aqui a Concordia, porque as cordinezes (*sic*) [2] saõ as aues que gardaõ grande paz

[1] [Tambem póde ler-se *saguonha*].

[2] [O latim tem *cornices* «gralhas»; o nosso A. traduz por *cordinezes*, fórma que julgo erronea, e que deve corresponder á pronúncia *cordenizes*, por *codornizes*, fórma literaria. Popularmente diz-se hoje *codernizes*, por exemplo, em Obidos. A fórma *cordenizes* é mera metatese d'esta última].

e lealdade entre sim, e estaõ tendo maõ em hũ sceptro, pera dar a entender que a conseruaçaõ do sceptro e do rei depende da paz e concordia do pouo.

EMBLEMA 7 (= 105)

Potentissimus affectus amor

(Cupido num carro puxado por dois liões)

Mostra-sse aqui quanto o amor diuino póde, porque, as(s)im como este minino gouerna estes leoïs, as(s)im elle modera os homens, por maos que seiam, e faz deles quanto quer.

EMBLEMA 8 (= 12)

Non uulganda consilia

(Uma bandeira com a figura do Minotauro atravessada por uma faxa em que se lê SPQR = Senatus Populusque Romanus)

Contén-se aqui a figura do Minotauro, o qual era meo homem, meo touro, et está fechado no labarinto: por elle se sinificam os sinais com que na guerra se entendem os soldados huns aos outros; está no labarinto fechado, pera se dar a entender con quanto silentio et fidelidade se deuem esconder dos inimigos etc.

EMBLEMA 9 (=48)

In victoriam dolo partam

(A Virtude, em figura de mulher, chora desgrenhada sobre o sepulcro de Ajax)

Está a Virtude chorando iunto da sepultura de Aiax, porque os iuises gregos deram sentensa que se des(s)em as armas de Achilles a Vlysses, et naõ a Aiax, que as meres(s)ia. Por isto se dá a entender que muitos uaroĩs bons ás uezes saõ priuados de seu direito por sentensa dos maos.

EMBLEMA 10 (=191)

Reuerentiam in matrimonio requiri

N. B. — O emblema 10.º não foi explicado.

EMBLEMA 11 (=89)

In auaros, uel quibus melior conditio ab extraneis offertur

(Vista do oceano: na parte anterior do quadro avulta uma nau, d'onde se precipita Arion á agoa, e nesta nada um golfinho, e boia uma lira; ao longe, quasi junto da praia, vai Arion a cavalo num golfinho, tocando lira todo ancho).

Contén-se aqui Arion, insigne tangedor, o qual[1], indo en huã nao, quiseraõ matar huns ladroĩs que

[1] [É complemento directo de *matar*].

iam com elle, pera lhe apanhar o dinheiro que ganhara a cantar et tanger: elle uendo-se neste ponto, pedio que o deixassem cantar hũ pouco: concedendolho, acudiram os golphinos [1], et deitando-se elle na agoa, o leuáraõ a porto seguro. Donde se uê que pior he a auaresa dos homens, que as proprias feras.

EMBLEMA 12 (= 159)

Amicitia etiam post mortem durans

(Um olmo velho com uma vide viçosa enroscada nele)

Pinta-sse aqui hũ amigo uerdadeiro, que ainda no tempo dos trabalhos, e despoes da morte, naõ desempara o amigo: porque esta aruore, ainda despoes de sêqua, sostenta a uideira fresca, qual sostentara de pequenina; e pagua-lhe a uideira muito bem, porque as folhas que faltaõ á aruore sêca lhe dá ella, enramando-a com as suas.

[1] [Corresponde a *golphinhos:* é assim que vem no *Dictionarium Lat.-Lusit.* de Jeronimo Cardoso, Coimbra 1570, fls. 51 (*golfinho*), e na parte portuguesa, fls. 50 v. (idem). No emblema 21 vem outra fórma: *delphim*. Cfr. o que das duas diz Bluteau, *Vocabulario*, s. vv. O nosso ms. dá-as como sinonimas, o que se vê das figuras].

EMBLEMA 13 (= 27)

Nec verbo nec facto quenquam laedendum

(Némesis, de pé, voltada para a direita, leva pendente da mão esquerda um freio)

Ensina o tento que os homens haõ de ter pera que naõ agrauẽ a ninguem, nẽ por obra, nẽ por palaura: a rezaõ he porque Némesis, que era a Deusa da Justiça, pera onde quer que hũ homẽ uaj, sempre lhe uai seguindo as pègadas, e uê tudo o que cada hũ faz e diz; e leua hũ freo na maõ pera enfrear os que forẽ dezencaminhados.

EMBLEMA 14 (= 81)

Desidiam abijciendam

(Um velho sentado numa medida)

Auia entre os Graegos huã medida, a qual pera cada dia bastaua a quenquer; et porque auia alguns praeguis(s)osos [1] que só con is(s)o se contentauaõ et naõ trabalhauaõ nada, amoestos [2] a naõ se contentar con isto, senaõ que trabalhem, etc.

[1] [Com *ae*, por errado latinismo]. [2] [= amoesta-os].

EMBLEMA 15 (= 120)

Paupertatem summis ingeniis obesse ne prouehantur

(Um menino com asas na mão esquerda, e uma pedra pendurada do braço direito)

As asas que tem en huã maõ saõ engenho e abelidade; a pedra que tem na outra he a pobresa: donde se tira que fas muito mal a pobresa aos mos(s)os d'abelidade, porque naõ podem com a pobreza continuar os studos nẽ ter os liuros e mais cousas nece(ssari)as.

EMBLEMA 16 (= 121)

In Occasionem

(Figura da Ocasião, com asas nos pés, uma faca na dextra, cabelo flutuante sobre a fronte, e calva a parte posterior da cabeça)

Pinta-sse aqui a Occaziaõ com asaz nos pes, pera mostrar como passa depressa; com cabellos na testa, pera os homens pegarem della; tem a outra parte da cabeça calua, porque se huã uez escapa, naõ a podem tornar a tomar.

EMBLEMA 17 (= 91)

Ocni effigies de his qui meretricibus donant quod in bonos usus uerti debeat

N. B. — Este emblema não tem explicação.

EMBLEMA 18 (=118)

Virtuti fortuna comes

(O caduceo posto entre duas cornucopias)

Contén-sse aqui a uara de Mercurio cercada com duas pontas de boi, polas quais se entende abundancia de todas as cousas, et estam iuntas com a uara de Mercurio, que significa a sabedoria, a qual [1] todo aquelle que tiuer terá todas as mais cousas.

EMBLEMA 19 (=178)

Ex pace ubertas

(Uma ave num ninho sobre um rochedo em meio do mar)

Isto significa o cuidado que deue ter hũ rei e principe pera com os seos, porque assim como o maçariquo, quando uê o mar quieto e que naõ ha tempestades, fas seu ninho no mejo do mar, de uides e espiguas de trigo, como algũs dizem, assim o rej e principe ha de prouer todos seus pouos e prouincias de tudo necessario, tendo primeiro grande cuidado que naõ haia tempestades de guerras e discordias, pera que assim uiuão mais seguramente e em pax, porque della nace a abundancia das cousas.

[1] [Complemento directo de *tiver*].

EMBLEMA 20 (= 58)

In eos qui supra uires quicquam audent

(De um lado, Hercules dorme debaixo de uma arvore, cercado de Pigmeus; do outro, está desperto e envolvendo estes na pele do lião).

O que está debaixo da aruore he Hercules dormindo, os que arremetẽ a elle saõ os Pigmeos, homens muito pequenos, da estatura de hũ couado, os quais, presumindo de suas forças, determinauaõ matar a Hercules, mas elle, acordãdo, tomou-os, e como pulguas entre os dedos os matou. Donde se tira que aquelles que naõ sabem nada, e se tomaõ cõ os doutos e sabios, naõ somente naõ alcançaõ o que pretendiaõ, mas fiquaõ cõ muita ignominia e desonrra sua: e assim nos insina a naõ fazermos cousa nenhũa sobre nossas forças.

EMBLEMA 21 (= 143)

Princeps subditorum incolumitatem procurans

(Um golfinho enroscado na haste de uma âncora)

Mostra-sse aqui quanto o princepe e prelado [1], no tempo da aduersidade, ha de procurar de con-

[1] [Vid. Vocabulario].

seruar os seus, assim como esta anchora he remedio ao[s] marinheiros quando os uentos maes sopraõ e o mar se embrauesse; o delphim que está pegado na anchora está aiudando a [1] meter na arêa, pera que a naõ leue agoa [2], e assim fique a nao na tromenta mais segura: poes se hũ peixe se compadeçe dos homens em tempo de trabalho, cõ quanto mais rezaõ se deuẽ os homens de compadecer hũs dos outros?

EMBLEMA 22 (= 160)

Mutuum auxilium

(Um cego com um coxo ás costas)

O que está em cima he manquo, o de baixo he çeguo: de modo que o ceguo leua o manquo ás costas, e o manquo de çima guia o ceguo por onde ha de ir. Isto mostra como os homens se haõ de aiudar huns aos outros, como dis o Apostolo: *Alter alterius onera portate* [3].

EMBLEMA 23 (= 131)

Ex arduis perpetuum nomen

N. B. — Não tem explicação.

[1] [= *aa*. Isto é: *aiudando-a a*].
[2] [= *a agoa*].
[3] [S. Paulo *ad Gálatas*, VI, 2. O ms. tem *alteris*].

EMBLEMA 24 (= 36)

Obdurandum aduersus urgentia

(Uma palmeira com tamaras, e um menino suspenso nas ramas para as colhêr)

Amoesta-nos como nunqua nos auemos de acanhar cõ nenhuãs aduersidades, mas sempre ir por diante e resistir á fortuna, assim como a palma, a qual, por mais que carreguẽ por ella pera baixo, sempre fas força pera çima.

EMBLEMA 25 (= 74)

Tumulus meretricis

(Um sepulcro que encerra um cadaver decomposto, e tem esculpido no lado direito um carneiro perseguido de uma liôa)

Pinta-sse aqui huã má molher posta na sepultura, toda desfeita e podre, bem differente daquelle tempo em que ella enganaua os homens e andaua após elles: que isso significa a leoa que uai após o carneiro, que por derradeiro [1] naõ pode uir bem ao carneiro em a companhia da lioa.

[1] [Melhor se lê no manuscrito *derradeira* que *derradeiro*, mas a locução *por derradeiro* faz melhor sentido, e aparece claramente, e duas vezes, no emblema 38].

EMBLEMA 26 (= 92)

In parasitos

(Um caranguejo grande, no mar; ao longe outros, de dimensões menores; adiante, na praia, uma travéssa ou prato com dois, ainda menores)

Este cancro significa os calaceiros e chocarreiros, porque, assim como este tem os olhos muito uiuos e espertos, assim estes os tem pera uerẽ as fraquezas dos outros, pera moteiarem dellas; e assim como este tem o uentre maior que o corpo, assim estes tudo se lhe uai[1] em comer; tem muitas maõs, porque tudo apanhaõ calaçando.

EMBLEMA 27 (= 39)

Concordia

(Dois capitães dão a mão direita um ao outro, entre dois exercitos)

Toqua aqui hũ costume antiguo dos Romanos, que ainda se uza: hera que quando se faziaõ pazes entre alguns exercitos ou cidades, as principais cabeças de huã e outra parte dauaõ as maõs huns aos outros[2] ẽ sinal de pax e concordia.

[1] [Isto é: "a estes tudo se lhe vai". Anacoluto e pleorasmo].

[2] [No masculino, apesar de *cabeças* ser feminino. Silepse de genero].

EMBLEMA 28 (= 102)

Quae supra nos, nihil ad nos

(Prometeu atado a uma arvore, roendo-lhe uma aguia o coração)

Este he Prometheo, o qual, fazendo huã imagẽ de barro, furtou por meio de Minerua o fogo do Ceo pera fazer uiuente a imagẽ: o qual sabendo Juppiter, o mandou atar em huã rocha de pees e maõs, e huã aguia que sempre lhe estiuesse roendo o coraçaõ. Esta fabula se acomoda àquelles que querẽ escodrinhar os mysterios altos a que naõ pode cheguar nosso entendimento, os quais fiquaõ ceguos, assim como os que poem os olhos no sol ao meo dia, porque dis o Sabio: *qui scrutatur maiestatem opprimetur à gloria* [1].

EMBLEMA 29 (=75)

In amatores meretricum

(Um pescador, vestido de pele de cabra, apanha um peixe numa rede)

Trata-sse aqui como as más molheres enganaõ os tristes dos homens e os enredaõ.

[1] [Salomão, Proverbios, XXV, 27: *qui scrutator est maiestatis, opprimetur a gloria*].

EMBLEMA 30 (= 142)

Albutii ad D. Alciatum suadens (sic) *ut de tumultibus Italicis se subducat, et in Gallia profiteatur*

(Um menino nu leva nas mãos um açafate de pessegos)

Este Emblema he de Albucio, o qual fes, persuadindo a Alciato que se saisse das reuoltas e tumultos de Italia, e se fosse pera França, onde podia ualer mais com suas letras, porque assim como o pessigueiro, segundo alguns dizem, em Persia era peçonhento, mas, plantando-o em Italia, mudou a natureza e deu fruito muito bom e saudavel, assim mesmo Alciato, se for pera outra patria e deixar a sua, ualerá muito mais.

EMBLEMA 31 (= 93)

Paruam culinam duobus ganeonibus non sufficere

(Uma arvore com uma ave que não deixa aproximar-se outra que voa para lá)

Assim como aquelle passarinho está picando o outro e naõ no deixa pôr no ramo, assim fazem os homens hũs aos outros, parecendo-lhe que naõ auerá [1] pera elles e pera os outros.

[1] [*auerá*, isto é: «haverá nada» (*constructio praegnans*)].

EMBLEMA 32 (= 4)

In Deo laetandum

(Um menino, Ganimedes, a cavalo numa aguia. Em cima uma inscrição latina, em baixo uma grega)

Docet animas in caelum a Deo raptas:
pro Joue Deus, pro aquila amor, pro Ganymede
animae possunt intelligi [1].

Este menino he Ganymedes, ao qual fingiraõ os Poetas que mandara Juppiter huã aguia que o leuasse pera o Ceo, mas tomando isto um sentido mais uerdadejro, por Juppitter se entende Deos, pela aguia o amor, por Ganymedes huã alma, a qual Deos por grãde amor leua a gozar da gloria e bem aventurança.

EMBLEMA 33 (= 78)

Inviolabiles telo Cupidinis

N. B.—Este emblema não foi explicado.

[1] [Este resumo latino é da 1.ª mão; o texto português, ou paráfrase, que se segue, é da 2.ª. Cfr. supra, pg. 18].

In Deo lætandum.

Aſpice ut egregius puerum Iouis alite pictor
Fœcrit Iliacum ſumma per aſtra uehi.
Quis nè Iouem tactum puerili credat amore?
Dic hæc Mæonius finxerit unde ſenex?
Conſilium mens atque Dei cui gaudia præſtant,
Creditur is ſummo raptus adeſſe Ioui.

Sesioyr en Dieu.

Cil qui en dieu se resioyst,
Et y a tousiours sa pensee,
Tantost de ce quil veult ioyst,
Ayant voye a bien dispensee:
Et sent son ame estre aduancee,
Contre le ciel quil subhaitoit:
Comme si Laigle en lair dressee,
Pour Ganymedes lemportoit.

Docet animos in cælum: a Deo raptas
pro Ioue Deus, pro aquila amor, pro
Ganymede animã possunt intelligi

Este menino he Ganymedes aquem fingirão os
Poetas q̃ mandara Jupiter hũa aguia q̃ o levasse
p.ª o ceo mas tomando isto ensinando mais ~~[illegible]~~
verdadeiro por Jupiter se entende Deos pla aguia
o amor por Ganymedes hũa alma a quem Deos por grã
de amor leva a gozar da gloria e bemaventurança.

EMBLEMA 34 (= 43)

Spes proxima

(Uma nau em tormenta, no mar; á vista, no ceu, dois astros, Castor e Pollux, irmãos de Helena)

Ensina a ter esperança, assim como a tem os que se uêm em huã grande tromenta no mar, que uendo socorro, cóbraõ nouo animo: alludindo á fabula de Helena.

EMBLEMAS 35 (= 7)

Non tibi sed religioni

(Um burro leva no dorso um andor de Isis; adiante está gente posta de joelhos, no chão, reverentemente e de mãos erguidas; atrás o arreeiro azorraga o animal)

Leuaua este [1] animal a imagem de huã deusa, á qual toda a gente que passaua fazia reuerencia e adoraua: o animal, uendo diante de si a gente de goelhos [2], começou-se a inchar e emsobreuecer, cuidando que lhe faziaõ a elle aquella reue-

1 [No ms. lê-se *esta*, que é engano].
2 [= joelhos].

rencia, mas o que o guiaua lhe deu com os azorragues, dizendo: «Não és tu deos, animal! mas leuas a deosa que adoraõ os homẽs». Isto se acomoda muj bem àquelles que tem alguã dignidade na igreia de Deos e se emsobrevecẽ quando os ueneraõ e honraõ, sendo assim que os naõ ueneraõ a elles, se naõ a Deos que representaõ.

EMBLEMA 36 (= 123)

In illaudata laudantes

(Um elefante ao pé de um trofeu)

Naõ haõ os homens de estimar as cousas que acontecẽ mais a cazo [1] que por seu esforço, porque Anthiocho, posto que uenceo os Gálatas, todauia naõ estimou muito a uitoria, poes naõ foi alcançada tanto [2] pellas forças dos soldados quanto por rezaõ de hũ elephante que espantou os caualos dos contrairos. A pintura significa hũ tropheo que Anthiocho pôs despoes da vitoria [3].

[1] [Vid. o Vocabulario].

[2] [O ms. tem *tanta*, certamente por influencia do genero da palavra precedente].

[3] [O ms. tem *vitoria* com V].

EMBLEMA 37 (= 171)

Iusta uindicta

(O Ciclópe repousa numa caverna, perto do seu gado
Ulisses e um companheiro atraeam-no)

Toca-sse aqui aquella historia comprida de Vlysses cõ o Gigante Cyclopa. A suma della he que, assim como Vlysses matou o Gigante, uingando-sse delle, assim finalmente quem faz mal o uem a pagar, e o que peior he, que muitas uezes lho faz hũ Vlysses fraco, ainda que o que fez o mal seia hũ Gigante, o qual estaua dromindo quando Vlysses o matou: dando a entender que quando hũ está maes discudado, entaõ paga o que tem feito.

EMBLEMA 38 (= 28)

Tandem, tandem iustitia obtinet

(Tumulo de Ajax, á beira-mar; nas agoas um escudo)

Significa-sse aqui como por derradeiro o seu torna a seu dono: porque Vlysses tinha hũ escudo de Aiax, e praemitio Deos que cõ huã tromenta que teue lhe caisse no mar, e as ondas despoes

de muito tempo o trouxeraõ a [1] praia aonde estaua o sepulchro de Aiax, que era iá [2] morto, sobre o qual o pozeraõ; e assim por derradeiro lhe [3] tornou ás maõs ou uiuo ou morto [4].

EMBLEMA 39 (= 192)

In fertilitatem sibi ipsi damnosam

(Tres rapazinhos procuram colher nozes em uma nogueira; um atira-lhe pedras com a mão, outro com uma funda; outro atira-lhe com paus)

Ha algũs que lhe fora milhor naõ serẽ ricos e ditozos, por que as riquezas lhe saõ causa de se perderem e de os tratarẽ mal e enueiarem-nos [5]: mostra-sse isto na nogueira que está no caminho, a qual, se naõ tiuera nozes, não lhe atiráraõ os moços ás tarascoadas [6], mas porque as tem,

[1] [É possivel que aqui seja a preposição simples, e não *á*. Ainda hoje dizemos *vir a terra, chegar a terra*, onde *a* é preposição. Cfr. o que digo em nota ao emblema 109].

[2] [= já].

[3] [A Ajax].

[4] [Isto é, de modo geral: estando Ajax vivo ou morto; no nosso caso, estando ele morto].

[5] [= envejarem-nos].

[6] [O ms. tem *as tarascoadas*, com *r* que poderia tambem ler-se *v*, mas interpreto a frase sem hesitação por *ás tarascoadas* «ás pancadas», onde *atirar* tem a mesma construção que em *atirar ás lançadas* (vid. *Dicc. da Acad.*, p. 494,

fazem má pezar [1] dela; milhor lhe fora naõ as ter!

EMBLEMA 40 (= 119)

Fortuna uirtutem superans

(Suicidio de Bruto, que se espeta na sua espada)

Toca como Bruto se matou uendo que Pompeio Magno fora uencido de Caesar, atribuindo isto mais a fortuna que a fraqueza dos soldados de Pompeio, dando a entender que a boa dita de Caesar, naõ a valentia, destruio a Pompeio.

col. 1.ª): *tarascoadas* creio provir de *tarasca,* por intermedio de *tarascão,* como *lastroada* «pedrada» (vid. *Rev. Lusit.,* XVIII, 256, cant. n.º 147) provém de *lastra* «pedra» (vid. *Rev. Lusit.,* V, 94), por intermedio de *lastrão;* cfr. *aguilhoada* <> *aguilhão, ferroada* <> *ferrão, ferretoada* <> **ferretão.* A palavra *tarasca* significa «espada (velha)», e d'aí se originaria o sentido de «golpe», «pancada». Parece ser comparavel a isto, pelo menos na fórma, o hesp. *tarascada* «mordedura», e *tarascar* «morder ou ferir com os dentes». No Algarve *tarasca* tambem significa «vento agudo» *(Rev. Lusit.,* VII, 256), onde talvez se nota a mesma ideia de «ferimento» que originou o emprêgo de *zimbre* e *barbeiro* em identica acepção (vid. *Lições de Philologia Portuguesa,* p. 428 e 432).

[1] [= *má'pesar,* fórmula estereotipada por *mau pesar* (próclise): *fazer mau pesar de alguem* «molestá-lo». Vid. *O Livro de Esopo,* fab. *XXXVIII,* e o que diz Moraes, que cita um autor do sec. XVII. Próclises analogas, temo-las em: *má'Maio, mal'pecado* (= malo pecado: vid os meus *Textos Archaicos,* 2.ª ed., p. 99), *ruço de má'pêlo* etc.].

EMBLEMA 41 (= 132)

Ex literarum studiis immortalitatem acquiri

(Um tritão dentro da rosca de uma serpente que morde a cauda)

Tem esta serpente cõ o cabo na boca pera fazer hũ circolo, o qual naõ tem cabo, e no meio está hũ trombeteiro de Neptuno, que significa que neste circulo está apregoando os louuores dos homens illustres.

EMBLEMA 42 (= 22)

Custodiendas uirgines

(Palas de vara na mão, junto de uma arvore, e com um dragão aos pés)

Fingiaõ os antiguos que Pallas, como era uirgem, tinha cudado de gardar as de maes, e por isso a pintaõ com a uara na maõ e cõ hũ drago aos pés, o qual he figura do cudado com que as maīs deuem de gardar as filhas.

EMBLEMA 43 (= 161)

Auxilium nunquam deficiens

(Um soldado vai nadando sobre um escudo; na praia vêem-se outros soldados)

Ensina nunqua hũ homẽ auer de desesperar socorro, porque este homẽ que uem nadando por este mar, fugindo doutros que da terra o queriaõ matar, cõ hũ mesmo escudo se saluou, assim dos homens da terra como das ondas do mar: dos homens se liurou peleiando e emparando-se cõ o escudo, do mar se liurou deitando-se a nadar no mesmo escúdo ou adarga.

EMBLEMA 44 (= 193)

Amor filiorum

(Uma ave pousada em um ninho sobe uma arvore)

Mostra o amor que os homens deuẽ de ter ós[1] filhos, poes se conta do pombo trocás que antes que uenha o ueraõ cria, e pera que os filhos tenhaõ a cama molle, depena-sse muitas penas, e assim fiqua quasi nu, padecendo o frio por liurar os filhos delle [2].

1 [«aos»].
2 [Isto é: do frio].

EMBLEMA 45 (= 177)

Ex bello pax

(Um elmo, e junto d'ele tres abelhas que voam)

Significa como ás uezes da boa guerra uem boa pax, porque este elmo, que no tempo da guerra seruia de peleijar, aguora ha hi tanta pax que serue de cortiço de abelhas: dando a entender que a guerra que em algum tempo era fel, despoes ueo a parar em mel [1].

EMBLEMA 46 (= 187)

Submouendam ignorantiam

(Esfinge)

Toca-sse aqui a historia da Sphinx, a qual punha a todos este aenigma, e quem lho naõ adiuinhaua, mataua-o: até que ueo o grande ade-

[1] [Note-se que a moralidade é expressa ritmicamente. Cfr. tambem o n.º 89. No *Florilegio* de B. Pereira, Lisboa 1655, ha um proverbio em que se observa a mesma rima: *bocas de mel,* || *coração de fel.*, pag. 98. Já nos Romanos: *coniugatione quadam mellis et fellis* etc., vid. Otto, *Die Sprichwörter der Römer,* Leipzig 1890, p. 217 e 218].

uinhador Aedipo [1], e adiuinhou [2], e ella, de paixaõ de lho adeuinharem, morreo. O aenigma era este: qual era o animal que andaua em quatro pes e em dous e em tres. Aedipo dice-lhe [3] que era o homẽ, o qual, sendo minino, anda em quatro pes, -s- [4] cõ os dous pes e com duas maõs; sendo homẽ, anda cõ dous pes; sendo uelho, anda cõ tres, trazendo bordão. A Sphinx significa a ignorancia, e Aedipo significa o sabio, o qual primeiro se ha de conhecer a ssim [5] que as outras cousas.

EMBLEMA 47 (= 129)

Semper praesto esse infortunia

(Tres senhoras jogam os dados numa mesa redonda)

Ensina aqui como as cousas aduersas maes certas uem que as prosperas, porque as tres figuras mostran como estãdo [6] tres iugando os [7] dados,

[1] [Pseudo-latinismo. Por *Oedipo*=Oedĭpus «Édipo». Confusão de *oe* com *ae*, que tinham, e tem, nas aulas identica pronúncia].

[2] [Tambem se podia entender: *adiuinhou-o*].

[3] [É freqüente em certos autores a ortografia *dice* = *disse*, por influencia errada do *c* de *dicere*].

[4] [=*sicilicet* "a saber„].

[5] ["si„].

[6] [O A. havía escrito *estaõdo*, mas parece que apagou o *o*].

[7] [Tambem poderia entender-se *ós* «aos»].

a quem primeiro auia de morrer [1], a que lhe saio [2] o dado da morte começou a zombar e matar-se de rizo: nisto cae hũ pedaço do telhado, e matou [3].

EMBLEMA 48 (= 188)

Mentem non formam plus pollere

(Uma raposa com uma cabeça humana entre as mãos)

Mostra cõ huã fabula como o entendimento e prudencia he o que monta em hũ homẽ, e naõ outro dote corporal. Foi, diz elle, huã rapoza a huã uaranda, achou nella huã cabeça de hũ homẽ feita de pao, muito bem pintada, que parecia uiua, e tomando [4] nas maõs, dice: «ó [5] que cabeça esta, mas naõ tem miolo!», dando a entender que pouquo montaua a fermosura de fóra, se lhe falta o iuizo.

[1] [«iugar.. a quem primeiro auia de morrer» tem a mesma construção sintactica que *apostar a:* «apostava a quem menos sabia», «apostar a cantar com ele», no *Dicc. da Academia*, p. 352, col. 1.ª. A oração *a quem primeiro auia de morrer* é interrogativa indirecta].

[2] [Isto é: aquela a quem saiu. É linguagem familiar].

[3] [Falta o pronome *a*, antes ou depois].

[4] [Isto é: tomando-a].

[5] [=oh!]

EMBLEMA 49 (= 82)

In facile a uirtute desciscentes

(Uma nau detida por um caracol [1] e um peixe)

Hia esta nao correndo cõ as vellas cheas: ex [2] que chega aquelle peixezinho bem pequeno a que chamaõ remora, e teue tanta fôrça, que teue a nao que naõ corresse: e isto he certo que ha este peixinho no mar, que tem tanta fôrça. Assim uai hum homem correndo a uellas cheas na uirtude e nas letras, senaõ exque uẽ huã ocaziaõ bem pequena [3] huã molherinha, ou naõ sei que, e he poderosa pera o reter até que o meta no fundo no inferno.

EMBLEMA 50 (= 24)

Prudentes uino abstinent

(Uma oliveira que tem enroscada em si uma vide)

Esta aruore he huã oliueira, que he aruore de Pallas, deusa da sapiencia. Queixava-sse esta oli-

[1] [No texto português não se alude ao caracol, mas no latino diz-se: *parua, uelut limax, remora,* e por isso o figurou Alciati].

[2] [=*eis*].

[3] [Isto é, chega num breve momento. *Huã ocaziaõ bem pequena* é complemento temporal].

ueira da uideira, que a tem enredada e carregada cõ suas uuas [1], e dizia que a deixasse e que tirasse as suas uuas, por que ella que era aruore de Pallas, e que Pallas que naõ bibia [2] ninho: dando a entender que as molheres naõ haõ de beber uinho, nẽ os homens sabios, poes a deosa da sabiduria [3] o naõ bebe.

EMBLEMA 51 (= 85)

In auaros

(Um burro vai carregado com uma carga de comida, e pasta as folhas de um cardo)

Compara aqui hũ auarento,—que, por poupar, nẽ aos outros nem a ssim [4] dá nada,—a hũ iumento, que uai muitas uezes carregado de cousas muito boas e naõ as come, nẽ toca nos alforges de que uai carregado, senão, quando muito, se acha hum çargaço no caminho, péga delle.

[1] [= uvas].

[2] [Embora o primeiro *i* não tenha ponto, deve ler-se assim].

[3] [Embora o primeiro *i* não tenha ponto, deve ler-se assim].

[4] [«si». Vid. Vocabulario].

EMBLEMA 52 (= 20)

Maturandum

(Uma seta fixa no chao, e enroscado nela um peixe)

Ensina que naõ haõ os homens de ser nem muito apres(s)ados, nem muito uagarosos: e por isso pinta huã seta enuolta naquelle animal a que chamaõ .. [1], o qual he muito uagaroso, e assim seu uagar se apressa com a uelocidade da seta, e esta com o uagar daquelles se tempera: e assim fiqua tudo concertado.

EMBLEMA 53 (= 103)

In astrologos

(Icaro precipita-se do ceu no mar)

Zomba aqui dos Mathematicos [2], que querem pronosticar muitas cousas do Ceo e do que hade acontecer, os quaes muitas vezes se enganaõ e lhe

[1] [Tem o espaço em branco para se escrever o nome do animal a que no texto latino corresponde *echeneis* «rémora». O A. conhecia a palavra *remora*, pois a cita no embl. 49. A palavra *echeneis* é greco-latina; o puro latim é *mŏra* ou *remŏra* (vid. Georges, *Lat.-deut. Hdwörterb.*, s. v. «echeneis» e «remora»)].

[2] [Vid. Vocabulario].

acontece o que aconteceo a Icaro, filho de Dedalo, o qual, fazendo-lhe o pai Dedado huãs azas pegadas cõ cera pera fugir de huã fortaleza onde estaua prezo, e dizendo-lhe que naõ uoasse muito alto, porque da quentura do sol se lhe der(r)eteria a cera, e lhe cairiaõ as [1] azas, elle [2] despoes que se vio no ar quis ir lá bẽ a sima a uer o Ceo: der(r)eteraõ-se-lhe as azas e caio no mar e morreo. Assim acontece aos que querem escodrinhar muito as cousas de sima.

EMBLEMA 54 (= 168)

A minimis quoque timendum

(Uma aguia diante de uma carocha que desce de uma arvore)

Ensina como ainda de inimigos pequenos se hũ ha de gardar. Quem diçera que huã charocha [3] se auia de meter entre as penas de huã aguia, e ser leuada da mesma aguia ao ninho que estaua em huã alta aruore, e despois que a aguia tornou

[1] [No ms., por engano, ao passar de uma linha para outra, *as as azas*].

[2] [Embora já estivesse *o qual* no rosto da oração, o A. repetiu aqui pleonasticamente *elle*, por ficar aquele pronome (sujeito) muito afastado do *quis* (predicado)].

[3] [=*carocha*. Cfr. *choche* nos embl. 4 e 80].

a uoar, ella, fiquando sẽ a aguia auer no ninho [1], lhe chupou os ouos, e despois se deitou a uoar [2]?

EMBLEMA 55 (= 173)

Parem delinquentis et suasoris culpam esse

(Soldados que levam preso para um castelo um trombeteiro ou corneta)

Mostra como os que daõ maos conselhos deuem de ser castigados igualmente cõ os que os tomaõ: porque a pintura significa como hũ exercito uencendo ao outro, o que uenceo catiuou o que tangia a trombeta bastarda [3] no arraial dos imigos, o qual, uendo-sse presso, dizia que elle que não peleiaua e que nem espada trazia, senaõ

1 [Isto é: «ficando sem ter a aguia no ninho»].

2 [A primeira e segunda parte da interrogação não estão simetricas entre si. Esperar-se-ia na segunda *chupar-lhe* e *deitar-se*, como dependentes de *auia de*. O A. empregou um tempo finito, porque só se regulou pela oração de *depois que*].

3 [«*Trombeta bastarda:* instrumento de metal, a modo de trombeta ordinaria, mas tem o cano mais estreito, e o som mais agudo»,—Bluteau, *Vocabulario*, VIII, 306. Ha muitos outros exemplos d'esta expressão. Aqui ponho um do sec. XVII: «Os Olandeses.. fazendo grandes demonstraçoens de alegria com suas *trombetas bastardas*», — Britto Alão, *Antiguidade de N. Senhora de Nazareth*, Lisboa 1684, p. 72 (a 1.ª edição é de 1628)].

hũ(a) trombeta, e que, pois naõ matara nenhũ na peleija, que naõ auia pera que o tratassem daquella maneira; os uencedores lhe respondêraõ: «Maes mal fizeste tu que nenhum, porque, ainda que naõ tinhas espada, cõ esta trombeta incitauas os animos dos soldados a pelejar contra nós». Esta trombeta he a lingoa do que dá maos conselhos.

EMBLEMA 56 (= 42)

Firmissima conuelli non posse

(Um carvalho batido dos ventos)

Esta aruore he hũ carualho, o qual, ainda que o uento lhe arranque as folhas, toda uia a elle nunqua o arranqua. Asim ha de ser o homẽ forte e constante, sem que o mouaõ os uentos ou da uaidade ou da aduersidade.

EMBLEMA 57 (= 153)

Cum laruis non luctandum

(Um liõ caído ao pé de tres coelhos)

Mostra como ainda os muito fortes de noite haõ medo, porque o leão de noite, hũ coelho ou rato que bulla, logo se lhe arripiaõ os cabellos.

EMBLEMA 58 (= 165)

Aliquid mali propter uicinum malum

(Uma panela de metal e outra de barro levadas por um rio)

Ensina como se ha de fugir a má companhia, porque finge duas panellas, huã de cobre, a outra de barro, as quaes uinhaõ por hũ rio abaixo com muita furia. Diçe a de cobre á de barro: «Companheira, chegai-uos pera quá, pera que, assim de conserua, uamos ambas a saluamento». Dice a de barro: «Naõ sou tam paruoa como isso, que me chegue a uós, porque eu hei de ser a que hei de fiquar pior do partido, por ser de barro molle, e uós de cobre duro».

EMBLEMA 59 (= 144)

In senatum boni principis

(Uma assembleia de varões com as mãos decepadas, presidida por um rei cego)

Pinta-sse aqui hũ senado de hũ principe uerdadeiro [1]. Entre os seus desembargadores está o principe cego, dando a entender que o que iulga naõ ha de ter olhos, pera respeitar a este mais

[1] [I. é, «amigo da verdade»].

que àquelle, se naõ que só lhe basta ter orelhas. Os dezembargadores estaõ assentados pera mostrar como haõ de ser constantes e naõ leues: tem as maõs cortadas, pera dar a entender que as iustiças naõ haõ de ter maõs pera tomarẽ peitas.

EMBLEMA 60 (= 21)

In deprensum

(Um homem tem uma enguia presa na mão direita entre folhas de figueira)

Mostra como naõ faltaõ manhas pera apanhar ainda aquelles que muitas uezes escapaõ. A pintura he hũ homẽ que andaua após huã inguia, e escorregaua-lhe das maõs: tomou huã folha de figueira e apertou[1] cõ ella, da qual, como a folha seia aspera, não se pôde escoar.

EMBLEMA 61 (= 190)

In fidem uxoriam

N. B. — Não tem explicação em português.

[1] [Subentende-se *a.* antes de *apertou*, ou porque realmente esqueceu ao A., por confusão com o *a* inicial do verbo, ou porque o fundiu neste. — *Apertar* tambem se construe só com *com*, mas noutra acepção].

EMBLEMA 62 (= 145)

Quod non capit Christus rapid fiscus

(Um rei expreme com a mão direita uma esponja)

He figura de hũ tirano, o qual sofre que os homẽns cõ rũins tratos enriqueçaõ, e despoes que os uê riquos entaõ lhe [uẽ] a [1] uontade de os castigar pera lhe confisquar as fazendas.

EMBLEMA 63 (= 13)

Nec quaestioni quidem cedendum

(Figura-se uma liõa)

Conta-sse aqui huã historia de huã molher chamada Leo [2], a qual, por naõ descubir hũ segredo, sofreo infinitos tormentos, pollo que em Athenas se lhe aleuantou huã Lioã [3], porque assim se chama, pera que fiquasse em aeterna memoria sua.

[1] [O texto tem *entaõ lhe auontade de*. Creio que escapou *uẽ* = *vem*, (por causa da silaba *uon-* seguinte), e que *a* não significa *ha*].

[2] [O texto lat. tem *leaena*, isto é, «lioa» (= leo femina)].

[3] [= *Liõa*. Isto é: pintou-se uma Lioa, e foi posta ou alevantada a pintura na acropole de Atenas. Vid. o texto latino].

EMBLEMA 64 (=57)

In temerarios

(Faetonte precipitado do carro do Sol)

Conta-sse aqui a historia de Phaetonte, da qual os homẽns haõ de aprender a naõ ser temerarios, por que este moço Phaetonte, sendo filho do Sol, pedio hũ dia a seu pae que no seu coche lhe deixasse dar huã vista ao mundo pello Ceo; e naõ querendo o pae, porque temia que o moço se perdesse, todauia, uendo-se muito importunado, lhe deu o coche: o moço, despoes que se uio no meio do Ceo, zombando os cauallos delle, caio e se fez em pedaços; e não lhe acontecera isto, se tomara o conselho do pae.

EMBLEMA 65 (= 154)

De Morte et Amore

N. B. — Este emblema não foi explicado.

EMBLEMA 66 (= 155)

In formosam fato praereptam

N. B. — Este emblema carece de explicação.

In momentaneam felicitatem,

Aëriam propter creuiſſe Cucurbita pinum
Diatur, & grandi luxuriaſſe coma.
Cùm ramos complexa, ipſumq; egreſſa cacumen,
Se præſtare alijs credidit arboribus.
Cui pinus, nimium breuis eſt hæc gloria: nam te
Protinus adueniet quæ malè perdat hyems.

A la briefue felicite.

La Courbte dung ſeul grain venue,
Le long dung hault arbre monta:
Et faict tant, quelle eſt peruenue
A ce, quelle le ſurmonta.
Lors ſur tous arbres ſe iacta:
A quoy larbre la portant dit.
Lhiuer qui vient vne mort a,
Qui effacera ton credit.

EMBLEMA 67 (= 25)

In statuam Bacchi

(Baco debaixo de uma parreira com um tambor sobre os joelhos)

Esta he a imagẽ de Bacho, a que os antiguos chamauaõ Deus do uinho, a demazia do qual fez os homens semelhantes a esta imagem, a qual está toda preguis(s)osa, fazendo desatinos com o tambor, e outras cousas semelhantes.

EMBLEMA 68 (= 124)

In momentaneam felicitatem

(Uma cabaceira enleada num pinheiro)

Mostra quã pouquo dura a felicidade. Pinta huã aboboreira [1], a qual, trepando por hum pinheiro, o serquou todo até o simo, e despoes que assim se uio, cudou que fazia auentagem a todas as de maes aruores, e assim começou a zombar até do mesmo pinheiro, o qual lhe respondeo: «Breve he esta tua gloria, porque daqui a dous dias uem o inuerno, em o qual te secarás, e eu fiquarei uerde como dantes».

[1] [Aqui é sinonimo do moderno "cabaceira"].

EMBLEMA 69 (= 194)

Pietas filiorum in parentes

(Eneas com Anquises ás costas foge de Troia incendiada)

Pera ensinar a piedade que os filhos haõ de ter pera os paes traz aquella historia de Aeneas, o qual, pera liurar seu pae Anchises da destruiçaõ de Troia e dos imigos que lhe uinhaõ no alcance, tomou o pae ás costas e hũ filhozinho seu pella maõ [1], e assim os liurou a ambos, sendo hum velho e o outro minino.

EMBLEMA 70 (= 174)

Alius peccat, alius plectitur

(Um velho tem atirado ao chão com uma pedra que um cão abóca)

Ensina nesta figura como muitas uezes, o que peca, a iustiça não o castiga, senaõ o que naõ tem culpa, porque o cam, se lhe atiraõ, uai pegar na pedra que naõ tem culpa, e deixa quem atirou a pedra.

[1] [No emblema não figura o menino].

EMBLEMA 71 (= 108)

In studiosum captum amore

N. B. — Carece de explicação portuguesa.

EMBLEMA 72 (= 110)

'Αντέρως, *Amor uirtutis, alium Cupidinem superans*

N. B. — Não tem explicação portuguesa.

EMBLEMA 73 (= 107)

Vis amoris

N. B. — Não tem explicação em português.

EMBLEMA 74 (= 172)

Iusta ultio

(Um corvo agarra com as patas um escorpião)

Mostra como muitas uezes a hũ homẽ acontece o mal que quer fazer aos outros: porque pinta hũ coruo, o qual custumaua a pilhar outras aues, e hũ dia, pilhando hũ escorpiaõ, o escor-

piaõ mordeo [1] no pé, indo-o leuando pello ar; o coruo, que uio que o escorpiaõ que o queria matar, deixa-o cair do alto, e chegando abaixo morre, e assim fiquou cõ o que queria fazer ao coruo.

EMBLEMA 75 (=166)

In eum qui truculentia suorum perierit

(Um golfinho estendido numa praia)

Ensina como aquelles que nem pera os seus saõ bons, mas antes saõ crueis [2], quaes deuem de ser pera os outros: porque a pintura he hũ delphim deitado fóra do mar, na arêa, cõ as grandes tempestades do mar, e está-sse queixando de Neptuno, Deus do mar, dizendo que se elle aos peixes, que saõ seus filhos, com tempestades faz fazer naufragio, que fará aos homẽns quando navegarẽ pello mar, que saõ seus inimigos, pois lhe tomaõ os peixes? Por isso, que [3] os homẽns se naõ devẽ de confiar do mar, poes ainda aos filhos trata tam mal.

1 [=mordeo-o].

2 [Isto é: ensina como aqueles que não são bons para os seus, como deviam, são porém crueis para eles.—Na mente do autor *ensina como* equivaleu a "trata de„].

3 [*que* é conjunção integrante. Cfr. emb. 99].

EMBLEMA 76 (= 106)

Potentia amoris

(Cupido com um peixe na mão direita, e um ramo de flores na esquerda)

O amor as(s)im na terra como no mar tem dominio: por isso o pintou as(s)im com hum peixe na mam e hum ramalhete de flores na outra.

EMBLEMA 77 (=8)

Qua dii uocant eundum

(Busto de Mercurio)

Esta pintura ensina como os homẽs haõ de acudir ás inspiraçoẽs de Deus, e dexar-sse guiar por onde elle os leuar: porque aquella figura he de Mercurio, posta em huã encruzilhada de estradas, mostrando o caminho aos caminhantes, os quaes, se uaõ por onde elle aponta com o dedo, uaõ bem, mas se se desuiaõ ou tomaõ outro caminho, perdem-se.

EMBLEMA 78 (=44)

In simulacrum Spei

(Tres figuras: da *Spes*, com setas na mão, quebradas, e uma aguia ao pé [1]; do *Bonus Euentus*; e de *Cupido*)

Esta he a imagẽ da Esperança. Está uestida de uerde, porque a côr uerde significa esperança; o minino que está iunto della hé o Bõ Acontecimento; na maõ tem as setas da morte quebradas, pera dar a entender que aos uiuos he dado esperar, mas os mortos naõ; tem iunto de sim huã gralha, a qual aue semper [2] diz «cras», que quer dizer «amenhã» e nunqua diz «oie» [3]: assim a Esperança sempre diz «amenhã» [4].

EMBLEMA 79 (=46)

Illicitum non sperandum

(Imagens da *Spes* e de *Némesis*)

Estas imagens, huã he da Esperança, outra he de Némesis, Deusa que castiga os dilictos. Pin-

[1] [Ao lado ha uma nota manuscrita, da mesma letra, que diz: "a imagẽ he esta primeira que tem as setas na maõ„].

[2] [Latinismo].

[3] [=hoje].

[4] [No texto português falta alusão a Cupido, que figura no emblema].

taõ-as ambas pera significar que se hum homẽ esperar o que naõ deue, que a Némesis que o ha de castigar.

EMBLEMA 80 (= 176)

Pax

(Um elefante conduz um coche)

Significa a pax: porque este elephante, no tempo da guerra, cõ sua ferocidade destruia exercitos, porém no tempo da pax ia manso, sofreo que lhe poze[s]sem [1] o iugo pera leuar por Roma o choche [2] de Caesar.

EMBLEMA 81 (= 109)

'Αντέρως, *id est, Amor uirtutis*

(Um menino, Cupido, nu, com uma coroa na cabeça, e tres na mão)

N. B.—Este emblema não traz explicação. No espaço vazio foi escrito por outra mão um adagio, que já reproduzi na introdução, p. 19.

[1] [No ms. por enganõ *pozemse*. Evidentemente queria o A. escrever *pozesem* (=*pozessem*, i. é "pusessem"].

[2] [Vid. a nota 2 do embl. 4].

EMBLEMA 82 (= 33)

Signa fortium

(Uma aguia deitada sobre o tumulo de Aristomenes)

Nesta figura allude á aguia que o emperador Carlos ·5· (ao qual chama Aristomenes [1]) trazia na sua bandeira, a qual aguia, assim como he sinal e insignia dos fortes, como era o Emperador Carlos ·5·, assim a pomba he insignia dos timidos e couardes [2].

EMBLEMA 83 (= 104)

Qui alta contemplantur cadere

(Um caçador, que atira com flecha a uma ave, é mordido por uma serpente)

Mostra aqui como aquelles que querẽ espicular cousas altas, esquecendo-sse das baixas e das que tem prezentes, saõ muitas uezes destruidos: mostra isto neste homẽ, que, andando com os

[1] [O A. condensa aqui muito o seu estilo: quer dizer que Alciati, no desenvolvimento do emblema, compara Carlos V ao intrepido Aristómenes].

[2] [A relação da aguia com a pomba não está aqui tão bem exposta como no texto latino].

olhos no ar pera atirar àquella aue, e naõ uendo por onde punha os pes, foi pôllos sobre huã bicha, a qual lhe mordeo os pes e deu com elle em terra.

EMBLEMA 84 (= 59)

Impossibile

(Tres pessoas estão lavando um preto)

Ensina como os homẽs naõ haõ de intentar cousas impossiveis, por que estas figuras todas estaõ occupadas em lauar hũ negro, pera uer se o podẽ fazer aluo; mas, por maes que lauem, sempre elle fiquará negro [1].

1 [Embora não seja meu intento anotar os Emblemas, lembrarei, a proposito d'este, que ha um proverbio português que lhe respeita:

Quem lava focinho a burro preto
Perde sabão e tempo.

De Terras de Barroso (colhido lá por Fernando Barreiros: vid. *Rev. Lusit.*, t. XIX, p. 108, § 105)].

EMBLEMA 85 (= 152)

Aere quandoque salutem redimendam

(Um castor, perseguido de cães, arranca a si proprio as partes genitais)

Para a explicaçaõ desta figura se póde trazer o que [1] dizem do elephante, se he uerdade, que quando se uê muito apertado, e dalgũ modo entendendo que os caçadores que o querẽ tomar por amor dos dentes de que fazẽ o marfim, que se chega a hũ[a] aruore [2], e abanando os dentes nella, os tira e os deixa ali como se diçera: «caçadores, deixai-me; se buscais os dentes, uedellos ahi». Pois, se o elephante, por saluar a uida, sofre esta dor, que deue fazer o homẽ por saluar a sua alma?

[1] [Adiante de *que* está *o*, que parece foi riscado].

[2] [O texto tem *hũ*, em vez de *huã*. O *-a* escapou por causa do *a* seguinte. Não creio que seja o mesmo fenomeno que em *hũ'hora* (Beira). Tambem aqui não é o genero masculino, embora *arvore* tenha por vezes esse genero e português antigo: adiante está *nella*].

[N. B. — Esta explicação nada tem com o emblema, embora a moralidade seja identica. O que o nosso A., fugindo (piamente!) de falar das partes genitais do castor, diz dos dentes do elefante vem em Solino, *Memorabilia*, cap. 25: "cum [sc. *elephanti*] venatu premuntur, pariter affligunt utrosque [sc. *dentes*], ut damnato ebore non requirantur: hanc enim sibi causam periculi inesse sentiunt". A pag. 111 da ed. de Mommsen, Berlim 1895].

EMBLEMA 86 (= 94)

Captiuus ob gulam

(Um rato penetra na concha bivalva de uma ostra)

Mostra como a gulla de hũ he muitas uezes a causa da sua morte: porque pinta hũ rato, o qual foi ter com huã ostra que estaua naquelle lugar onde elle custumaua a furtar, e começou a querer roer na ostra, que tinha as conchas abertas: naõ sabendo elle o que era, a ostra, como se sintio morder, apertou as conchas, e fiquou [1] pella cabeça o rato, e pagou quanto tinha feito. Se o rato naõ fôra tam golozo, póde ser que uiuera maes.

EMBLEMA 87 (= 189)

Diues indoctus

(Um homem, montado numa ovelha, passa um rio)

Vai passando hum rio em huã ouelha douro, a qual.... [2]

[1] [Isto é, "ficou preso„. Creio será isso, e não *ficar* no sentido de "fincar„ (transitivo)].

[2] [Vid. a Introdução, p. 17].

EMBLEMA 88 (= 53)

In adulatores

(Figura de um camaleão)

Pinta aqui hũ adulador. A figura he o chamaeleonte, o qual se sostenta do ar e toma taes côres quaes saõ as cousas em que está, senaõ nunqua toma côr de branco: assim o adulador toma as côres daquelles a quem quer adular e lisongear, que he o mesmo que: ueste-sse[1] da condiçaõ e do humor daquelle a quem lizongea, pera que tudo lhe louue; mas naõ toma côr branca, porque nunqua louua cousas boas e castas, senaõ as que saõ do humor do lisongeado.

EMBLEMA 89 (= 111)

Dulcia quandoque amara fieri

(Cupido, rodeado de abelhas, dirige-se para a mãe)

Ensina como as cousas doces e gostozas se tornaõ muitas uezes em amargas: porque aquelle

[1] [O ms. tem *uestesse* com o 2.º *e* achatado, como se fosse *i* sem ponto, o que poderia fazer ler, segundo a sintaxe mais corrente, *uestisse* = *uestí'-sse*, por *vestir-se;* mas aquela letra é curva como *e*, e não angulosa como *i* (é exactamente igual ao 3.º *e*, ou final, tambem achatado), e por isso explico por discurso directo a' oração do *que*. Na mente do autor o sentido seria assim: «he o mesmo que dizermos: ueste-sse da condição etc.»].

minino, sendo sua maẽ absente, uendo huãs abelhas, e cudando que eraõ alguãs aues, foi pera as tomar, e ellas todo o mordêraõ: assim que, em lugar de darẽ do mel àquelle minino pequenino, deraõ do fel, que he o mesmo que morderem-no [1].

EMBLEMA 90 (= 112)

Fere simile, ex Theocrito [2]

N. B. — Não tem explicação em português.

EMBLEMA 91 (= 64)

In eum qui sibi damnum apparat

(Um obinho mama numa cabra)

Significa-sse aqui aquillo que dizẽ: «Criai uós o coruo, e elle tirar-uos-ha o olho» [3]. Pinta-sse isto noutra figura ·s·, huã cabra, a qual dá de ma-

[1] [Ha aqui rima, como no n.º 45].

[2] [Isto é, "quasi semelhante ao precedente, mas tirado de Teocrito„].

[3] [Este adagio tem a seguinte fórma no *Florilegio* de Bento Pereira, Lisboa 1655: *Criai o coruo,* || *tiraruosha o olho,* pg. 100].

mar a hũ lobinho pequenino, o qual [1] achando o pastor no mato trouxe-o, e por naõ morrer deulhe huã cabra que cõ seu leite o criasse. E por isto a cabra se queixa da paruice do pastor, que cria aquelle que despoes lhe ha de destruir o gado, e nẽ a cabra, que aguora em pequeno lhe dá o leite, ha-de deixar.

EMBLEMA 92 (= 130)

Remedia in arduo, mala in prono esse

(Uma mulher alada que voa, e em terra duas encostadas a muletas, com outra mulher em meio d'elas)

Mostra como os trabalhos uẽ de pressa e os remedios delles muito de uagar: porque os gintios fingiaõ a Furia que fazia o mal ser muito ligeira, tanto que uoava, e por isso a pintaõ com as azas; mas as que remediauaõ o mal que ella fazia pintauaõ-as mancas e uelhas, que escazamente [2] se podiaõ bulir: pera darẽ a entender [3] quan de uagar uinha o remedio do mal, e quã de pressa uinha o mesmo mal.

[1] [*o qual* é complemento objectivo de *olhando*. Hoje diriamos *ao qual*].

[2] [Assim está, com *z*].

[3] [O sujeito é "eles„, os gentios].

EMBLEMA 93 (= 180)

Eloquentia fortitudine praestantior

(Hercules com a clava na mão direita, o arco na esquerda, e uma cadeia que lhe sai da boca e prende pelo pescoço uma multidão de pessoas)

Mostra como a eloquentia e prudentia he maes poderosa pera render os coraçoẽs dos homens que a fortaleza, porque Hercules naõ cõ sua força, que hera grande, senaõ cõ sua eloquentia, domou e rendeo os Franceses [1]: tem huã cadea que lhe sae da boca e prende aquelles homens pera dar a entender que ás [2] palauras que lhe saiaõ da boca prendia e rendia os Franceses a quem elle gouernou.

1 (Com *Franceses* traduz o A. o latim *Galli*. Temos aqui a lenda gaulesa de *Héracles* (ou *Hercules*)-*Ogmios*, contada por Luciano: vid. Dottin, *Manuel de l'antiquité celtique*, 2.ª ed., p. 311-312).

2 [O ms. tem *as palavras*, sem acento, como de costume. Em vez de explicar *as*, por *ás*, como faço, tambem podia supor-se que antes de *as* faltava *com;* mas prefiro adoptar *ás*, que tenho como regra de boas criticas alterar o menos possivel um texto que se publica].

EMBLEMA 94 (= 52)

In receptatores sicariorum

(Acteon, em fórma de veado, perseguido dos seus cães)

Isto he contra aquelle que recolhe e fauorece os que anda[õ] [1] de noite arruando e fazendo cousas mal feitas, porque a este acontecè o que aconteceo a Acteo [2], o qual, porque o mereceo, andando á caça, se conuerteo em ueado: os seus mesmos caẽs que o uiraõ, cudando que na uerdade era ueado, arremetêraõ cõ elle, e por maes que elle dizia que naõ era ueado, se naõ que era seu dono Ateo, elles o mataraõ. Assim acontece aos que fauorecẽ mal feitores [3], que hũ dia esses mesmos mal feitores, naõ tendo iá [4] mal que fazer, uoltaõ contra quem os fauoreceo.

1 [No ms. *os que anda*. Deve ser *os que andaõ*, e não *o que anda*, porque da ideia de *arruar* deduz-se que era mais de um].

2 [C. Actaeon].

3 [Aqui e adiante está *mal feitores*, duas palavras].

4 [= já].

EMBLEMA 95 (= 9)

Fidei symbolum

(A figura do Amor entre as da Verdade e da Honra)

Saõ estas tres figuras sinaes de tres cousas que conseruaõ a fé, porque huã he a da Honrra, outra a do Amor, outra a da Verdade: porque, pera hũ gardar bem a fé, ha de ter amor á fé, e ha de ser homem de uerdade e de honra.

EMBLEMA 96 (= 151)

In uitam humanam

(Democrito e Heraclito sentados a uma mesa, rindo um, afligindo-se outro)

Allude aqui àquelles dous philosophos Heraclito e Democrito, dos quaes o primeiro todas as uezes que saía fóra de caza naõ fazia senaõ chorar, porque tudo o que uia lhe pareciaõ miserias, o segundo todas as uezes que saia de caza naõ fazia senaõ rir, porque tudo o que uia lhe parecia zombaria, e tudo o que os homens faziaõ (h)e [1]

[1] [=e].

pertendiaõ, e o porque se desuellauaõ, eraõ ninharias.

EMBLEMA 97 (= 113)

In statuam Amoris [1]

N. B. — Este emblema não tem explicação.

EMBLEMA 98 (= 54)

Ei qui semel sua prodegerit, aliena credi non oportere

(Figura de mulher, ou Medea, que apunhala um filho, e tem outro morto aos pés)

Mostra como quẽ naõ tem lei cõ os seus mal a terá cõ os alheos, e mostra isto com huã aue, a qual foi fazer o ninho pera os seus filhos no collo de Maedea [2], a qual Maedea tinha mortos [3] os seus filhos proprios. Poes a que matou os seus auia de perdoar aos alheos?

[1] [A palavra *Amoris* está riscada].

[2] [Pseudo-latinismo de *ae;* pois em latim é *Medea*].

[3] [Acerca da concordancia do participio *mortos* com o complemento (hoje diriamos «que tinha morto os seus filhos») vid. *Revista Lusitana,* IX, 58. Cfr.: «despojos que por prendas de sua fé me tinha *dados*» na *Lusitania transformada* de F. Alvares, 2.ª ed., p. 343].

EMBLEMA 99 (= 179)

Doctos doctis obloqui nefas esse

(Uma andorinha leva pelos ares uma cigarra ou cegarrega)

Queixa-sse de huã andorinha, a qual tomou huã cegarrega, e a leuou aos filhos. Queixa-sse e diz: «Porque leua huã auezinha, que tambẽ canta como ella, e que tambẽ uem e aparece no uerão como a mesma andorinha, e que tambẽ he hospede como ella, e que tambẽ he aue e tem azas como ella?» e que [1] por isto, que a naõ queira leuar e maltratar. Dá a entender como he cousa indigna tratar mal aquelle que he assim como o que trata mal, e que parece muito mal, particularmente, letrados dizer mal doutros letrados, porque assim a andorinha como a cegarrega aqui significaõ os letrados.

EMBLEMA 100 (= 195)

Mulieris famam non formam uulgatam esse oportere

N. B.—Não tem explicação, e só tem o seguinte,

[1] [Acerca de *que*, cfr. a nota 3 do embl. 75].

de outra letra (5.ª mão): Se a fermosura humana tanto poder tem pera rubar [1] os corassois [2]...

EMBLEMA 101 (= 32)

Bonis a divitibus nihil timendum

(Dois meninos alados e de espadas nas mãos perseguem tres Harpias)

Queixa-sse aqui hũ homẽ de dous uezinhos, os quaes edificáraõ huãs cazas defronte das suas e lhe tomáraõ toda a uista que parece que lhe queriaõ tirar os olhos, como lá as Arpias faziaõ ao outro; mas diz elle que isto naõ tem outro remedio senaõ saber sofrer isto cõ prudencia, e saber leuar os nouos uezinhos, como fizeraõ os dous Zetes e Calais.

EMBLEMA 102 (= 14)

Consilio et uirtute Chimaeram superari, id est fortiores et deceptores

(Belerofonte, a cavalo no Pégaso, arremete com a Quimera)

Assim como Belerophonte, indo em hũ cavalo que tinha azas, destruio a Chimaera, assim hũ

1 [*Sic*].
2 [Queria escrever *corrasois*].

homẽ, se tem asas, se tem conselho, que uoe e considere cousas altas, uence Chimeras, por maes fortes que seiaõ; assim que o conselho e boa prudencia val mais que quanta força ha.

EMBLEMA 103 (= 133)

Tumulus Ioannis Galeacij Vicecomitis primi Ducis Mediol(anensis)

(Mapa da Italia)

Saõ louuores de Joaõ o Primeiro Viceconde de Milaõ [1], e diz que na sua sepultura que ponha toda Italia, porque, poes elle toda a defendeo, bem he que ella toda seia sua insignia: e assim está ella toda aqui pintada cõ suas cidades e seus dous mares.

EMBLEMA 104 (= 134)

Optimus civis

(Os concidadãos de Trasibúlo apresentam-lhe uma coroa)

Louva a Thrasybullo, o qual trabalhou infinito por pôr em paz os cidadaõs da sua cidade, e des-

[1] [*Viceconde* é nome de familia, e não titulo (o titulo era duque)].

poes que a fez, elles, posto que algũs lhe queriaõ mal, toda uia todos se uieraõ a elle, trazendo lhe huã coroa de folhas de oliueira, dando-lha por insignia, porque a oliueira he sinal de paz.

EMBLEMA 105 (= 122)

In subitum terrorem

(Fauno, que toca uma trombeta)

He contra os que fogẽ da guerra, ainda sẽ uirẽ a peleijar, senaõ cõ o medo e tom dos tambores e trombetas.

EMBLEMA 106 (= 35)

In adulari nascientem

N. B. — Não tem explicação. Mão mais moderna escreveu uma quadra, de letra muito mal feita (vid. supra pg. 20), e outras cousas.

EMBLEMA 107 (= 183)

Insignia poetarum

(Um escudo e nele um cisne)

Estas saõ as insignias dos poetas; por que he hũ cirne branco posto em hũ escudo, porque o

cirne he ave de Phaebo, e Phaebo he o Deus dos poetas.

EMBLEMA 108 (= 184)

Musicam diis curae esse

(Uma cegarrega ou cigarra pousada numa citara)

Mostra como os gintios cudauaõ que os seus Deoses folgauaõ cõ a musica, porque estando-lhe [1] hũ huã vez dando hũ descante em huã cithara, e destemperando-se huã corda, huã cegarrega se meteo dentro na cithara pera soprir com sua vox o defeito da corda.

EMBLEMA 109 (= 114)

In oblivionem patriae

(Varios individuos, que comem frutas colhidas numa arvore, ao pé da qual estão)

Queixa-sse de hũ qũe indo-se pera Roma se esqueceo totalmente da sua patria, e quaise que lhe naõ poem culpa, porque tal he Roma, que a uista [2] della todas as maes cidades desaparecem.

1 [*lhe*, i. é, aos deuses].

2 [Hoje dizemos *á vista*, mas aqui creio que *a* é mera preposição; cf. hesp. *á vista* (e não *á la vista*), e o que diz o Sr. Epifanio Dias na sua ed. d-*Os Lusiadas*, t. II, p. 326].

EMBLEMA 110 (= 41)

Vnum nihil, duos plurimum posse

(Ulisses e Diomedes)

Mostra como conselho sem fortaleza ou fortaleza sem conselho naõ fazem nada, e estas cousas ambas iuntas fazem tudo; porque Vlyses iunto cõ Diomedes faziaõ na guerra quanto queriaõ, porque Vlyses era de grande conselho e Diomedes de grande força: e assim como iuntos faziaõ o que queriaõ, assim hum sem o outro naõ faziaõ nada.

EMBLEMA 111 (= 86)

In aulicos

(Um cortesão preso com grilhões á entrada de um palacio)

Morde nos que estaõ no passo [1], porque os coutados [2] estaõ ali todo o dia sem poderẽ sair dali: e diz que estes que estaõ pressos [3] com cadeas de ouro e que só nisto se diffirençaõ dos pressos que estaõ na cadea, mais que na uerdade hũs e outros estaõ pressos, senaõ que hũs tem cadeas de ferro, outros douro: mas finalmente he estar presso!

[1] [=paço].
[2] [=coitados, miseros].
[3] [=presos].

EMBLEMA 112 (= 156)

In mortem praep roperm

(Um sepulcro)

He huã lamentaçaõ de hũ mancebo, por lhe morrer outro mancebo seu amigo, antes do tempo, e quando menos se esperaua. Tal he a morte, que entaõ uem quando menos se espera, pera tirar gostos e apartar aquelles que naõ cõ Deus, senaõ cõ o mando, se apegaõ!

EMBLEMA 113 (= 167)

Ἐχθρῶν ἄδωρα δῶρα: *in dona hostium*

(Heitor oferece uma espada a Ajax, e este um cinto àquele)

Mostra como doẽs dos imigos naõ saõ bons, porque Heitor, Troiano, deu huã espada a Aiax, e Aiax deu-lhe hũ cinto. Despoes, por cazos que acontecêraõ no cerco de Troia, o Heitor matou a Aiax cõ a espada que lhe dera o mesmo [a] Aiax, e o mesmo Heitor despoes foi arrastado dos Gregos a iunto aos muros de Troia, trazido pellas correas do cinto.

TABELAS A QUE SE FAZ REFERENCIA A PAG. 17

N. B.— Os asteriscos indicam que os respectivos n.os não tem explicação portuguesa.

1.ª TABELA

N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Roulillé)	N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Roulillé)	N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Roulillé)	N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Roulillé)
1	= 1	30	= 142	59	= 144	88	= 53
2	= 10	31	= 93	60	= 21	89	= 111
3	= 11	32	= 4	* 61	= 190	* 90	= 112
4	= 29	* 33	= 78	62	= 145	91	= 64
5	= 30	34	= 43	63	= 13	92	= 130
6	= 38	35	= 7	64	= 57	93	= 180
7	= 105	36	= 123	* 65	= 154	94	= 52
8	= 12	37	= 171	* 66	= 155	95	= 9
9	= 48	38	= 28	67	= 25	96	= 151
10	= 191	39	= 192	68	= 124	* 97	= 113
11	= 89	40	= 119	69	= 194	98	= 54
12	= 159	41	= 132	70	= 174	99	= 179
13	= 27	42	= 22	* 71	= 108	100	= 195
14	= 81	43	= 161	* 72	= 110	101	= 32
15	= 120	44	= 193	* 73	= 107	102	= 14
16	= 121	45	= 177	74	= 172	103	= 133
* 17	= 91	46	= 187	75	= 166	104	= 134
18	= 118	47	= 129	76	= 106	105	= 122
19	= 178	48	= 188	77	= 8	* 106	= 35
20	= 58	49	= 82	78	= 44	107	= 183
21	= 143	50	= 24	79	= 46	108	= 184
22	= 160	51	= 85	80	= 176	109	= 114
* 23	= 131	52	= 20	* 81	= 109	110	= 41
24	= 36	53	= 103	82	= 33	111	= 86
25	= 74	54	= 168	83	= 104	112	= 156
26	= 92	55	= 173	84	= 59	113	= 167
27	= 39	56	= 42	85	= 152	—	—
28	= 102	57	= 153	86	= 94	—	—
29	= 75	58	= 165	87	= 189	—	—

2.ª TABELA

N.os da ed. lat. de 1573 (Rouillé)	N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Rouillé)	N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Rouillé)	N.os do texto português	N.os da ed. lat. de 1573 (Rouillé)	N.os do texto português
1	= 1	46	= 79	* 110	= 72	160	= 22
4	= 32	48	= 9	111	= 89	161	= 43
7	= 35	52	= 94	* 112	= 90	165	= 58
8	= 77	53	= 88	* 113	= 97	166	= 75
9	= 95	54	= 98	114	= 109	167	= 113
10	= 2	57	= 64	118	= 18	168	= 54
11	= 3	58	= 20	119	= 40	171	= 37
12	= 8	59	= 84	120	= 15	172	= 74
13	= 63	64	= 91	121	= 16	173	= 55
14	= 102	74	= 25	122	= 105	174	= 70
20	= 52	75	= 29	123	= 36	176	= 80
21	= 60	* 78	= 33	124	= 68	177	= 45
22	= 42	81	= 14	129	= 47	178	= 19
24	= 50	82	= 49	130	= 92	179	= 99
25	= 67	85	= 51	* 131	= 23	180	= 93
27	= 13	86	= 111	132	= 41	183	= 107
28	= 38	89	= 11	133	= 103	184	= 108
29	= 4	* 91	= 17	134	= 104	187	= 46
30	= 5	92	= 26	142	= 30	188	= 48
32	= 101	93	= 31	143	= 21	189	= 87
33	= 82	94	= 86	144	= 59	* 190	= 61
* 35	= 106	102	= 28	145	= 62	191	= 10
36	= 24	103	= 53	151	= 96	192	= 39
38	= 6	104	= 83	152	= 85	193	= 44
39	= 27	105	= 7	153	= 57	194	= 69
41	= 110	106	= 76	* 154	= 65	195	= 100
42	= 56	* 107	= 73	* 155	= 66	—	—
43	= 34	* 108	= 71	156	= 112	—	—
44	= 78	* 109	= 81	159	= 12	—	—

CORRIGENDA & ADDENDA

I

Pag. 24, linha 5.ª: deve ser *liõis* e não *liões*. Suprima-se «7».
» 28, » 21.ª: » » *linguagem d'outr'ora* em vez de «lingguagem d'otr'ora».
» 29, » 4.ª: » » *rato* em vez de *rate*.
» 70, » 4.ª: » » *uinho* em vez de *ninho*.
» 77, n. 1, l. 2.ª: suprima-se a primeira virgula.
» 93, n. 2, l. 4.ª: leia-se *porque tenho como regra de boa critica* em vez de «que tenho como regra de boas criticas».
» 94., l. 6.ª: devia haver virgula depois de *cães*.

II

Ás noticias que dei a pg. 11-12 da existencia de exemplares dos Emblemas de Alciati ou Alciato em livrarias portuguesas posso agora juntar outras: no *Segundo Escrinio* ou volume 2.º do Catalogo da Livraria do Dr. Rodrigo Veloso, Porto 1916, § 97, figura um exemplar da ed. de Antuérpia, de 1692. No *Catalogo* n.º 11 do Livreiro Coelho (Lisboa), Lisboa 1916, pg. 20, figura um exemplar da ed. de Antuerpia, de 1622. Na livraria do Dr. Liberal Sampaio (Outeiro Sêco, Chaves) vi um exemplar da ed. de Madrid, de 1864.

INDICE

INTRODUÇÃO — Significação dos «Emblemas» de Alciati, e sua popularidade (edições e traduções). — Aceitação que tiveram em Portugal: exemplares nas bibliotecas; alusões na literatura. — Descobrimento de um exemplar em que ha explicações manuscritas dos «Emblemas» em prosa portuguesa antiga. — Descrição d'esse exemplar: mãos que colaboraram no manuscrito; data d'este; particularidades paleograficas. — De como o texto latino foi interpretado em português. Estilo. — Particularidades gramaticais e lexicologicas. — Remate 7

Emblemas, em numero de cento e treze. 43

Colocação das estampas: entre pag. 58 e 59, e 78 e . 79

Tabelas das correspondencias da ed. de 1573 (Rouillé) com a de 1540 (Wechel) 105

Corrigenda & addenda. 107

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 2 DE MAIO DE 1917.

91-B16947

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 2935